

Linguagens, Discursos e Hipermídias

Elaine de Moraes Santos

EaD
UFMS **DIGITAL**

AGEAD
Agência de Educação
Digital e a Distância



Linguagens, Discursos e Hipermídias

Elaine de Moraes Santos

EaD
UFMS **DIGITAL**

AGEAD
Agência de Educação
Digital e a Distância



Sobre o E-book

Este e-book faz parte do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas do **Programa UFMS Digital**, coordenado pela Agência de Educação Digital e a Distância da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Coordenação Geral

Hercules da Costa Sandim

Coordenação Pedagógica

Daiani Damm Tonetto Riedner

Álvaro José dos Santos Gomes

Darbi Masson Suficier

Desenho Instrucional

Pedro Salina Rodovalho

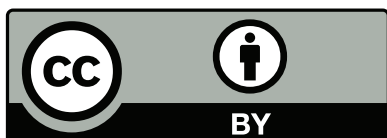
Projeto Gráfico e Diagramação

Maira Sônia Camacho

Revisão de Língua Portuguesa

Aline Cristina Maziero

Thyago José da Cruz



Respeitadas as formas de citação formal de autores de acordo com as normas da ABNT NBR 6023 (2018), a não ser que esteja indicado de outra forma, todo material desta apresentação está licenciado sob uma [Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



AGEAD
Agência de Educação
Digital e a Distância



agead.ufms.br

Disciplina

Linguagens e identidades

Carga Horária

45 horas

Autoria

Elaine de Moraes Santos

[Currículo Lattes](#)

Ementa

Linguagens, textos e discursos. Conceitos operacionais da Análise de Discurso de linha francesa. Procedimentos analíticos da análise discursiva e das hipermídias. Implicações para o ensino de línguas.

Objetivo Geral

■ Discutir os conceitos de linguagem, discurso e hipermídia e suas relações com o ensino de línguas.

Objetivos Específicos

- Desenvolver a análise de materialidades hipermidiáticas, em consonância com funcionamentos da memória metálica.
- Mobilizar o escopo teórico-metodológico da Análise de Discurso, originada na França, especialmente em seu potencial para leitura de práticas discursivas político-midiáticas e para o ensino de línguas.
- Problematizar questões inerentes à produção de sentidos para a escrita acadêmica na era do digital.

SUMÁRIO

Módulo 1	6
Língua(gem), Texto, Discurso e Hipermissão	
Unidade 1 - Língua(gem), Discurso e Hipermissões	8
Unidade 2 - Textualidades e a memória metálica em rede	14
Módulo 2	25
Procedimentos analíticos em Análise de discurso	
Unidade 1 - Disciplina de Entremeio	27
Unidade 2 - A produção de sentidos em práticas discursivas político-midiáticas	36
Módulo 3	48
O ensino de línguas	
Unidade 1 - O trabalho com a língua materna e os recursos disponíveis na web	51
Unidade 2 - Discursos e escrita acadêmica na era do digital	57



Módulo 1

**Língua(gem), Texto,
Discurso e Hipermídia**



Apresentação

Olá, navegante!

Seja muito bem-vinda, seja muito bem-vindo à primeira parada da sua trajetória! Neste empreendimento, sua viagem perpassa um universo de interações, adentrando as camadas perenes e movediças do digital. Para tanto, aqui, sinte-se convidada(o) a problematizar relações entre as diferentes materialidades languageiras, a constituição de dizibilidades e sua circulação na funcionalidade algorítmica de tempos tão “internáuticos”.

Com o destino bem marcado, sua rota inicia, neste **Módulo 1**, por trilhas conceituais que lhe permita distinguir as categorias Língua(gem), Texto, Discurso e Hipermídia, adentrando parte das minúcias que estabelecem a emergência de discursividades no rol de uma memória metálica em rede.

Este primeiro módulo tem por objetivo desenvolver a análise de materialidades hipermidiáticas distintas, em consonância com funcionamentos da memória metálica. Na direção de tal propósito, a bagagem para a **Unidade 1 – Língua(gem), Discurso e Hipermídias** – deve acionar o dispositivo dos questionamentos, uma prática que será regular no presente texto.

Trata-se de buscar as linhas limítrofes de noções tão caras ao campo científico, principalmente para pessoa egressa do bacharelado em Comunicação, dos cursos de Letras e de tantas licenciaturas. Imersa(o) na esfera profissional dos campos citados, é que lhe provoco questionamentos com as seguintes perguntas. Reflita:

- Por que as concepções de **linguagem** são a base para a desnaturalização de sentidos em distintos espaço-tempo?
- Como compreender (o papel de) a **língua** no rol de uma sociedade interconectada?
- Quais especificidades configuram a unidade **texto** no bojo de uma esfera midiática?
- Quais diálogos e duelos são possíveis na diferenciação das categorias **texto** e **discurso**?
- Como lançar mão de uma concepção de **hipermídia** frente à heterogeneidade digital de nosso tempo?

Fugindo da prontidão por elaborar respostas rápidas e vazias, que essas e outras questões lhe entusiasmem a se questionar mais também na **Unidade 2 – Textualidades e a memória metálica em rede** – na direção de problematizar relações entre as diferentes materialidades languageiras, a constituição de dizibilidades e sua circulação na funcionalidade algorítmica de tempos tão “internáuticos”.

Que tenhamos uma excelente viagem! #Bora?

Unidade 1

Língua(gem), Discurso e Hipermídias

Considerando que o objetivo deste material passa por discutir os conceitos de língua(gem), discurso e hipermídia e suas relações com o ensino de línguas, a primeira coisa que precisamos compreender é que “[...] a linguagem é lugar e conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais” (Brandão, 2004, p. 11).

Da premissa estabelecida pela autora, você pode se deparar com o primeiro exemplo, a seguir:



Fonte: [WillTirando](#)

Descrição da imagem: Trata-se de uma tirinha com quatro quadrinhos. No primeiro, representa-se o desenho de um homem jovem, trajando uma camisa de manga comprida de cor mostarda e calça marrom. Ele está sentado em uma poltrona marrom clara, segurando uma latinha de cerveja, com expressão facial de quem está desanimado. Como legenda da cena (em fonte branca, sob um fundo preto), há os dizeres “Acha-va que sua vida não era interessante para ninguém”. No segundo quadrinho, o ângulo muda e, na frente da tela, há a representação da tela de um computador de mesa aberto na página inicial do Facebook. No canto esquerdo, com enquadramento mais ao fundo, está o mesmo homem sentado, em recorte de perfil, olhando para trás. No pano de fundo da figura, há um espaço todo branco com tracejados superiores em preto, formando um arco, como se a produção de uma esfera de ideias tivesse eclodido no contexto. No terceiro quadrinho, o mesmo personagem aparece com expressão mais neutra, sentado frente ao computador, com a latinha ao lado. No topo desse quadro, consta um endereço de website. No último quadrinho, novamente, aparece a legenda em fonte branca, no fundo preto, bem ao topo e ela traz o dizer “Agora acha o contrário”. Na figura, o personagem ainda aparece sentado, agora, esboçando um sorriso e digitando no computador. Na tela, mostra-se, entre aspas, o seguinte texto: “De boa tomando uma cervejinha”.

Com este exemplo, que constitui o gênero textual tirinha, longe de limitar o papel da linguagem a de instrumento de comunicação (como pressupunha a segunda concepção corrente no rol dos estudos linguísticos) ou de remetê-la a qualquer tese ultrapassada de que possa ser somente parte de um pretenso sistema de transmissibilidade do pensamento, aqui, em seu caráter interacional, ela perfaz a “[...] mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (Orlandi, 2012, p. 15).

No interior dessa mediação, um indivíduo, sozinho, é simbolizado de forma distinta (em quadrinhos separados), mas em uma mesma situação cotidiana: a condição caseira do sentar-se e, na cena em questão, a postura é concomitante ao consumo de uma lata de cerveja.

Frequentemente, os cursos de Letras no Brasil iniciam os componentes curriculares na área da linguística, confrontando, com Geraldí (1984), as três tradicionais concepções de linguagem que, historicamente, perfizeram, o ensino de língua portuguesa: a linguagem como expressão do pensamento (pautada nos estudos tradicionais; a linguagem como comunicação (pautada na chamada teoria da comunicação); e a linguagem como forma de interação (defendida por teorias que se focam na interação humana, como o Interacionismo).



Fonte: [WillTirando](#)

Descrição da imagem: Trata-se de uma repetição do primeiro e do último quadrinho da tirinha em estudo. No primeiro, representa-se o desenho de um homem jovem, trajando uma camisa de manga comprida de cor mostarda e calça marrom. Ele está sentado em uma poltrona marrom clara, segurando uma latinha de cerveja, com expressão facial de quem está desanimado. Como legenda da cena (em fonte branca, sob um fundo preto), há os dizeres “Achava que sua vida não era interessante para ninguém”. No último quadrinho, novamente, aparece a legenda em fonte branca, no fundo preto, bem ao topo e ela traz o dizer “Agora acha o contrário”. Na figura, o personagem ainda aparece sentado, agora, esboçando um sorriso e digitando no computador. Na tela, mostra-se, entre aspas, o seguinte texto: “De boa tomando uma cervejinha”.

Voltando à pergunta deixada na apresentação do presente módulo – Por que as concepções de **linguagem** são a base para a desnaturalização de sentidos em distintos espaço-tempo? – podemos perceber, na ideia de passado interrompido, com o pretérito imperfeito formulado na legenda da imagem – “ACHAVA” e “ERA” – a passagem de um estado de tédio ou de isolamento, típicos da caracterização de uma sociedade viciada na dopamina dos *likes*, dos comentários e dos engajamentos comuns às redes sociais, para uma mudança de humor: na ascensão de um novo olhar sobre aquele rito, com destaque para – “De boa, tomando um cervejinha”.

O enunciado com que se encerra a tirinha é, portanto, narrado como o dito do “agora”, em um presente que emerge de uma realidade “natural” e “social” que nada tem de estabilizada. Ali, na apologia ao potencial do Facebook, naquele momento histórico de sua irrupção no dia a dia de brasileiras e brasileiros, temos acesso à importância de que profissionais, cujo foco sejam as práticas languageiras, pensem no potencial da esfera hipermidiática, tanto na forma como esta compõe, diariamente, segundos, minutos e horas da vida de tantas pessoas, quanto no modo como ela diz do exercício dessa constituição.

Como compreender (o papel d) a **língua** no rol de uma sociedade interconectada? A segunda pergunta, também tirada da apresentação deste material, demanda-nos um retorno à irrupção do chamado estruturalismo saussureano, na ciência linguística do século XX, quando uma dicotomização de elementos situou a língua como recurso social, porém de fundamento abstrato, isto é, isolando-a da fala, do sujeito e de qualquer outro artefato concebido, naquele terreno epistemológico, como extralinguístico.

Falar de estruturalismo **saussureano** é remeter a um conceito de língua imamente. No interior das proposições do mestre genebrino, pensar a **dicotomização** foi uma estratégia metodológica que caracterizava oposições conceituais, como o par língua e fala. Nessa perspectiva, tirando a *langue*, unidade abstrata, todo o resto não fazia parte do arsenal de elementos analisáveis, configurando-se apenas em elementos **extralinguísticos**.

Saiba mais

No ano de 2024, o Facebook já não impera tanto quanto em outrora. Isso porque outras redes sociais, outros aplicativos ou outros sites de compartilhamento já têm ganhado mais internautas nos últimos anos, como acontece com Instagram, Twitter, WhatsApp, Telegram, TikTok, YouTube, para citar apenas alguns. Na matéria “Saiba qual é a rede social mais usada no Brasil”, do portal Época Negócios, você pode pensar um pouco mais sobre como estão esses índices. Descubra em <https://link.ufms.br/exZ0b>.

Note como a mudança na concepção de língua também requer uma visada distinta acerca do conceito já mobilizado aqui, uma vez que, “[...] conseqüentemente a linguagem não pode ser encarada como unidade abstrata, mas como o lugar em que a ideologia se manifesta concretamente” (Brandão, 2012, p. 9). Materializado no retratar de uma rotina esboçada como entediante é que o ideológico configura, na **tirinha** em estudo, os **ditames de onde acessar** para que uma mudança brusca de humor ou de veiculação de autoimagem perfaça-se uma verdadeira experiência de navegação.



Fonte: [WillTirando](#)

Descrição da imagem: Trata-se de uma repetição do segundo quadrinho da tirinha em estudo. Nele, o ângulo muda e, na frente da tela, há a representação da tela de um computador de mesa aberto na página inicial do Facebook. No canto esquerdo, com enquadramento mais ao fundo, está o mesmo homem sentado, em recorte de perfil, olhando para trás. No pano de fundo da figura, há um espaço todo branco com tracejados superiores em preto, formando um arco, como se a produção de uma esfera de ideias tivesse eclodido no contexto.

Você deve ter notado que a figura escolhida foi chamada, antes, de “exemplo” ou de “tirinha”, remetendo, no último caso, ao **gênero discursivo** de que faz parte. Naquele primeiro momento, as designações adotadas configuraram formas de adiar o manuseio da noção de **Texto** – conceito oportuno para a presente etapa didática de nosso trajeto.

Saiba mais

Segundo o pensamento bakhtiniano, gêneros discursivos são enunciados que, enquanto formas mais ou menos estáveis do dizer, funcionam como a base das comunicações sociais.

Para começar, com o autor Ernani Terra (2018, s/p.), a “[...] palavra texto [...] provém do termo em latim *textus*, [...] significa ‘fazer tecido’, ‘entrelaçar’”. Adentrar a tessitura textual pressupõe uma série de movimentos por parte de falantes. O primeiro deles é o mergulho na formulação e isso só é possível se tomarmos por base “[...] o texto pode ter zero ou mais palavras, pois seu tamanho é variável. Ele pode ser oral ou escrito, verbal ou não verbal; pode ter linguagem culta ou coloquial; pode ser um símbolo ou uma imagem, etc.” (Mendes et al., 2020, s/p).

Assim, não podemos nos esquecer de que a textualidade pode ser:

Verbal	Não verbal	Sincrética	Multimodal
Textualidade com plano da expressão exclusivamente oral ou escrito.	Textualidade formada por imagens, sinais, infográficos, gestos, cores, símbolos, emojis, gemidos, ruídos, desenhos...	Textualidade com plano da expressão misto.	Textualidade que, além de mista, é acrescida pelo potencial de interatividade, com destaque para a arommatização e climatização possíveis.

Na tirinha estática, no sincretismo da articulação entre o verbal e o não verbal, vamos alterando o tecido textual, em uma leitura de entrelaçamento entre o mundo narrado “Achava que sua vida não era interessante para ninguém” (primeiro quadrinho) ou “Agora acha o contrário” (último quadrinho), ao discurso relatado do próprio personagem retratado – “De boa tomando uma cervejinha”. No duplo funcionamento desse exemplo, nós participamos da e esperamos a mesma cena, acionando arcabouços sociais de como figuram postagens nas timelines dos ambientes de relacionamento no digital. Somado à importância da materialidade da linguagem na direção do processo de produção de sentidos, também se faz pertinente conceber que:

[...] o texto, visto na perspectiva do discurso, não é uma unidade fechada — embora, como unidade de análise, ele possa ser considerado uma unidade inteira — pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso: a memória do dizer) (Orlandi, 1995, p. 112).



Fonte: Manuel Alves Filho / Divulgação Jornal da Unicamp

Eni Orlandi, quando era professora da Unicamp, na década de 70, foi uma das pioneiras da difusão do pensamento de Michel Pêcheux e da Análise de Discurso de linha francesa no Brasil.

Descrição da imagem: Foto de Eni Orlandi. Ela é uma mulher branca, veste um casaco vermelho, tem cabelos castanhos na altura do ombro e seu rosto apresenta marcas da idade. Ela está segurando um livro aberto com a mão esquerda enquanto gesticula com a mão direita. No fundo, há uma estante de livros.

Apesar de a citação de Orlandi (1995) antecipar conceitos do segundo módulo, agora, o que se faz essencial não perdermos de vista é como, no interior da perspectiva teórica da Análise de Discurso (AD) de linha francesa, a categoria textual é tão interconectada como o é o espaço hipermidiático em investigação neste material. O elo, na conjuntura em debate, está para o contexto macro da tirinha e de sua relação com outras dizibilidades que, como ela, nos remetem ao fato de que:

Sentimentos como tristeza e tédio são vistos como indesejados e a alteração dos mesmos é vista como parâmetro de sucesso. A hipótese que pode ser levantada, levando em consideração que a rentabilidade da empresa depende da permanência do usuário atento à plataforma, é a de que o sentimento desejado é aquele que mantém o usuário conectado (Machado, 2018, p. 51).

No excerto anterior, a autora parte de uma discussão a respeito das mediações algorítmicas e de um mercado de mídias sociais digitais, a partir de patentes destinadas à modulação de comportamentos. Apesar de representar os frutos de pesquisa em outra vertente teórica, a passagem abre um leque de debates urgentes seja para quem vivencia a docência na área do ensino de língua seja para quem opera as práticas linguageiras, em sua relação com usuárias e usuários, em diversificados domínios analíticos, como aprofundaremos, na próxima unidade, com uma incursão acerca da noção de hipermissão.

Unidade 2

Textualidades e a memória metálica em rede

Considerando que, desde o início, estou falando de interfaces digitais como algo do universo conhecido, é chegada a hora de explorar a natureza interativa da concepção de hipermídia adotada aqui. Cientes da grande gama de estudiosas e estudiosos que versam sobre a temática, é com Santaella (2014) que podemos compreender o fenômeno da junção entre o **hipertexto** e a própria ideia de **multimídia**:

[...] da fusão da estrutura hipertextual com a multimídia, brota a hipermídia. Para compreendê-la, é preciso dar o pulo do gato da superfície das mídias digitais para os interiores de suas linguagens, pois neles são encontrados processos sógnicos de alta complexidade, misturas entre linguagens dos mais variados gêneros e espécies as quais, desde o momento em que o computador acolheu uma plethora de linguagens em seus processamentos, têm sido chamadas de hipermídia (Santaella, 2014, p. 13).

Observe que, na própria estrutura prefixal da palavra – hiper – seu potencial para armazenamento é bem marcado. Com o segmento final – mídia – concentra-se a profusão de camadas, fragmentos e possibilidades não lineares, porém que permanecem ao alcance de um *click*, pelo computador ou pelo aparelho de celular, para ficar apenas nesses dois equipamentos.



Fonte: [Dgies](#)

Na década de 65, em outro campo do saber – a Tecnologia da Informação, **Theodor Nelson** (foto) foi o primeiro a cunhar o termo “hypertext” (hipertexto), em trabalho que destacava tanto o potencial da máquina na disposição de materialidades de linguagem distintas quanto o papel de usuárias e usuários, no manuseio e na exploração de tais recursos.

Descrição da imagem: Foto de Theodor Nelson. Ele é um homem branco, idoso, com cabelo grisalho penteado para o lado e sem barba. Usa óculos e veste um paletó preto. Ele está falando em um microfone enquanto mexe em um notebook.



Fonte: [UFC](#)

A Profa. Lucia Santaella (foto) explica: “A multimídia, por sua vez, consiste na hibridação, quer dizer, na mistura de linguagens, de processos sógnicos, códigos e mídias” (Santaella, 2014, p. 212).

Descrição da imagem: Foto de Lucia Santaella, durante uma palestra. Ela é uma mulher branca, com cabelos um pouco abaixo dos ombros e com rosto com marcas da idade. Ela segura um microfone com uma mão e seu cabo com a outra mão. Veste um vestido roxo. No primeiro plano, há as cabeças dos ouvintes sentados. Ao fundo, há uma mesa de vidro; a parede de trás parece ser aveludada.



Refletir, portanto, sobre a língua ou a linguagem no contexto da hipermídia ou no manuseio dos hipertextos nela disponíveis é, em suma, experienciar novos espaços-tempo que favorecem uma leitura de conteúdos que funcionam com alta velocidade a partir de nosso acesso a um **hiperlink**.

Trata-se de palavras em destaque colorido, sublinhado, em tamanho de fonte diferente ou mesmo de símbolos e ícones, de modo que “[...] a chave-mestra para a descontinuidade se chama hiperlink, quer dizer, a conexão entre dois pontos no espaço digital, um conector especial que aponta para outras informações disponíveis e que é o capacitador essencial do hipertexto” (Santaella, 2014, p. 212).

Isso porque a ideia de texto passa a assumir novos contornos, tipificada por “[...] nós ou pontos de intersecção que, ao serem clicados, remetem a conexões não lineares, compondo um percurso de leitura que salta de um ponto a outro de mensagens contidas em documentos distintos, mas interconectados” (Santaella, 2014, p. 212).

Habituar-se à diversidade de percursos de leitura que se abrem no virtual é uma consciência fundamental para quem opera com linguagem, língua ou texto, principalmente em sala de aula – daí o que justifica desenvolver as temáticas aqui mobilizadas, no âmbito deste processo formativo.

Assim, fomentar práticas de interpretação passa pela clareza de que, no espaço hipermediático “[...] os conceitos de escrita e de texto sofrem mudanças substanciais. Embora um elemento textual possa ainda ser isolado, todo o sistema é primordialmente interativo e aberto com mensagens em circuito continuamente variáveis” (Santaella, 2014, p. 212).

Aliás, **Linguagem – Língua – Texto**: uma tríade que nos remonta ao objeto científico do próprio arcabouço da AD francesa, que entende:

[...] o discurso como uma manifestação da materialização da ideologia decorrente do modo de organização dos modos de produção social. Sendo assim, o sujeito do discurso não poderia ser considerado como aquele que decide sobre os sentidos [...] mas como aquele que ocupa um lugar social e a partir dele enuncia, sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras (Mussalim, 2009, p. 110).

Se a produção de discursos, de forma conectada ao aspecto ideológico (como destaca Mussalim, 2009), perfaz uma ligação com a historicidade, podemos acrescentar que o trabalho com arquivos hipermediáticos implica exercitar, inclusive na escola e nas universidades, as formas de ler e adentrar a(na) informação, além de exercitar a percepção para os funcionamentos divergentes e o controle das pautas de acesso. Aliás,

[...] Essa mistura densa e complexa de linguagens, feita de hiper-sintaxes multimídia – povoada de símbolos matemáticos, notações, diagramas, figuras, também povoada de vozes, música, sons e ruídos – inaugura um novo modo de formar e configurar informações, uma espessura de significados que não se restringe à linguagem verbal, mas se constrói por parentescos e contágios de sentidos advindos das múltiplas possibilidades abertas pelo som, pela visualidade e pelo discurso verbal (Santaella, 2014, p. 213).

Agora, você deve ter entendido um dos desafios de nossa sociedade hiperconectada que passa seja pelo tratamento do que acessa seja pela ciência de que, nos **arquivos discursivos**, os conteúdos acessados também são tratados, sob determinações já predefinidas por *softwares*, dispositivos e algoritmos.

Pensar o funcionamento dos arquivos da internet é, portanto, vê-la como instituição reguladora e, concomitantemente, regulada na medida em que, mesmo funcionando enquanto grande depositária de dados, ela também opera a partir de dispositivos de controle dos trajetos de navegação.

Há vários estudos de referência na AD francesa que nos ajudam a movimentar um conceito precioso para nós – o de **arquivo**. Apenas para elucidar parte da diversidade de elementos envolvidos em tal caracterização, trago quatro definições mais conhecidas:

a) com o pesquisador materialista, temos que o arquivo é “[...] campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (Pêcheux, 1994, p. 164);

b) com uma pesquisadora pecheuxtiana que é referência no campo da análise discursiva do digital, o arquivo é “instância inacessável e inacessível derivada da soma de todos os arquivos eletrônicos dis-postos na rede digital (Romão, 2011, p. 144);

c) em uma visada histórica, o filósofo francês pontua que o arquivo “[...] é o sistema que rege o acontecimento dos enunciados como acontecimentos regulares [...] é o que diferencia os discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria” (Foucault, 2010, p. 147-148);

d) por fim, com importantes representantes da perspectiva discursiva em estudo neste material, temos que o arquivo “[...] nunca é dado a priori, e em uma primeira leitura, seu funcionamento é opaco. Todo arquivo, principalmente manuscrito, é identificado pela presença de uma data, de um nome próprio, de uma chancela institucional, ou ainda pelo lugar que ele ocupa em uma série. Essa identificação, puramente institucional, é para nós insuficiente: ela diz pouco do funcionamento do arquivo” (Guilhaumou, Maldidier, 2014, p. 170).

[...] a internet hoje pode ser considerada uma dessas instituições que arquiva um número infinito de variados documentos, ou seja, fotos, imagens, depoimentos etc. [...] O que é (ou não) arquivado, o que entra (ou não) na rede, o que figura como principal resultado de uma pesquisa realizada pelos internautas sobre determinado assunto é efeito dessas relações de poder que produzem, por sua vez, um efeito de estabilidade e naturalidade para o que é extremamente heterogêneo e contraditório. Ao lado da ilusória liberdade de tudo poder dizer, temos o controle do que pode ou não ser dito/arquivado. Constrói-se, assim, um embate entre memória histórica e coletiva que produz efeitos na leitura e constituição do arquivo (Grigoletto, 2015, p. 34).

Nessa importante citação de Grigoletto (2015), supera-se a seriedade que é lidarmos com a **estabilidade**, a **contradição** e a **ilusória liberdade de expressão**, em efeitos que se exercem quase que, naturalmente, nos cotidianos de navegação. Pela relevância desses três eixos, cabe falarmos deles em separado.

Fake News

A nocividade da produção massiva de desinformação nas redes sociais tem sido foco de debates diversos por pesquisadores da área discursiva, da comunicação, entre outros campos. Uma discussão importante acerca do fenômeno é desenvolvida por Gallo, Silveira e Pequeno (2021) em seu texto *Fake News: efeito de fake, efeito de news*.

Estabilidade

O primeiro ponto é que, quando o arquivo é digital, o terreno que se abre é o da instabilidade dos dados (a estabilidade é um efeito desenvolvido). Então, quem se aventura a realizar uma pesquisa na área precisa criar mecanismos de registro dos conteúdos ou de download eficaz para não viver a ingrata surpresa de perder a legitimidade dos rastros, com movimentos que são comuns na rede:

Desculpe, esta página não está disponível.
O link que você seguiu pode estar quebrado ou a página pode ter sido removida.



Retornar à página anterior - Voltar para a página inicial do Facebook - Visitar a Central de Ajuda

Fonte: [ND+](#) / Reprodução Facebook

Descrição da imagem: Trata-se de uma informação padrão que interfaces on-line como a do Facebook emitem quando o conteúdo que se busca já não está mais disponível. Na mensagem, o símbolo do “joinha” (polegar para cima) com um curativo no polegar, enquanto emoji, marca o insucesso na procura realizada.

Contradição

O segundo ponto, para além da contrariedade de temáticas e abordagens dissonantes em convívio desmedido, no qual informação caminha junto de Fake News, destaco, para nosso contexto, a contradição comum no entrecruzamento entre armazenamento e acessibilidade, pois “[...] embora esse arquivo tenha uma capacidade imensa de armazenamento, ao contrário da anunciada democratização de acesso livre e universal, a internet não está acessível a todos os cidadãos. Ela inclui, mas também exclui”. (Grigoletto, 2017, p. 146).

O exemplo, a seguir, exemplifica bem o que, infelizmente, marca a natureza dessa exclusão em seu grau máximo, já que versa sobre condições enfrentadas por crianças em fase escolar no Brasil, sobretudo em um momento muito particular de nossa história – o período pandêmico de Covid-19:



Fonte: Adaptado de [Sindoif](#)

A figura remete às condições de produção pandêmicas. Entre 2020 e 2022, o Brasil experimentou o chamado Ensino Remoto de Emergência, marcado pela adoção de estratégias didáticas de manutenção das aulas e dos cursos, em condições de distanciamento social, implementadas no combate à propagação do vírus Sars-Cov-19.

Descrição da imagem: A imagem é dividida em dois planos verticais. No esquerdo, um menino com expressão de empolgação está sentado junto a uma bancada confortável, virada para uma janela cuja vista é o futuro, marcado pela universidade construída em um logo aí de acesso. Ele ainda dispõe de fone de ouvido, televisor com acesso ao jornalismo, cadeira de gamer, iluminação adequada e notebook para a realização de estudo remoto.

No lado direito, por sua vez, um menino com expressão cansada está em um ambiente escuro, sentado em cadeira quebrada, em uma mesa de madeira que parece ser o ambiente de uma cozinha. Junto de seu caderno, de seu livro e do lápis que segura, estão outros objetos típicos de um espaço culinário rudimentar. Com as desigualdades explicitadas na imagem, você pode refletir acerca não só da falta de acessibilidade da rede, mas acerca de como a posse de equipamentos, em si, já não perfaz o direito de todas as crianças em território nacional.

Ilusória liberdade de expressão

O terceiro e último ponto que podemos salientar do debate promovido por Grigoletto (2017), está outra aresta que se apresenta desafiadora: a relação entre liberdade de expressão, distanciamento físico e assunção do anonimato na produção, na circulação e no compartilhamento de discursos na internet: “[...] valorização de uma atividade verbal por meio da qual se imagina tudo dizer, efeito de uma sociedade em que o espaço digital é comumente concebido como livre das coerções que regem demais âmbitos sociais” (Komesu, 2010, p. 355).

A autora citada realiza um debate pertinente acerca dos espaços e das fronteiras observáveis a partir de práticas de autoexpressão em uma escrita na internet já pouco utilizada hoje em dia – a dos blogs – apesar de que o aspecto desafiador do fenômeno que ela descreve ainda perdura nos demais ambientes virtuais com os quais lidamos diariamente.

Em Komesu (2010), reforçando mais uma consequência da Globalização, a autora nos conduz a uma reflexão em torno de como as relações sociais condicionam dizeres na rede, em uma problemática social que envolve elementos heterogêneos:

Subjetividade corpórea	Mercadológico
<p>De um lado, o que eu, inspirada pela autora, chamaria de subjetividade corpórea, em práticas que confluem exibicionismo ou desejo por visibilidade, um limite tão tênue entre espaço público e privado, a banalização do cotidiano na quantidade excessiva desse acesso ou na limitação das interações fora do digital, além, e não menos importante, da irrupção de uma cultura do ódio na era desse dizer mascarado de anonimato.</p> <p>O próprio meio, mediante serviços como os do Twitter, faculta novas formas de acesso à informação para que o indivíduo possa comentar ininterruptamente todo e qualquer assunto a todos (a qualquer um) na sociedade. Ocorre, porém, que cada vez mais ficam conhecidos processos por danos morais movidos contra blogueiros que criticam pessoas, produtos ou serviços (KOMESU, 2010, p. 355).</p>	<p>De outro e ainda na esteira do que a pesquisadora nos inspira, o que eu posso ensejar como mercadológico – incluindo os relatórios de motores de busca, as relações de marketing envolvidas no mercado de monetização da informação propagada, ou a maneira como a replicação de conteúdos nem sempre delinea a fonte de acesso simultâneo.</p>

Ainda a respeito da relação estabilidade-instabilidade das textualidades, sobre a qual nos debruçamos, primeiramente, com Grigoletto (2017), é chegado o momento de compreender a noção com que designamos esta unidade: a memória metálica. A fim de que tenha dimensão desse conceito na prática, sugiro uma viagem por duas situações.

Nos dois cenários a seguir, a temática do casamento é contemplada em duas buscas pelo botão imagens do Google. A consulta foi realizada em 2017 por um dos alunos matriculados na disciplina “Tópicos Especiais em Corpos, Linguagens e (m) Hipermídia”, no Programa de Pós-graduação stricto sensu em Estudos de Linguagens, ministrada por mim, na época. Veja os resultados:

 <p>“Mariage pour tous” (Casamento para todos)</p>	 <p>“Casamento igualitário Brasil”</p>
<p>Descrição da imagem: Trata-se do <i>print</i> de dados resultantes de consulta, em 30/11/2017, no buscador do Google França. Neles, há um conjunto de imagens de pessoas empunhando cartazes e faixas de protesto em diferentes espaços da França, performando a luta pelo casamento igualitário, ou seja, pelo direito ao casamento entre pessoas do mesmo sexo. No <i>print</i>, há, ainda, símbolos da chamada comunidade LGBTQIA+, como a bandeira com as cores vermelho, laranja, amarelo, verde, anil e violeta.</p>	<p>Descrição da imagem: Trata-se do <i>print</i> de dados resultantes de consulta, em 30/11/2017, no buscador do Google Brasil. Neles, há um conjunto de imagens de pessoas celebrando ou festejando o casamento igualitário, ou seja, a união de casais formados por pessoas do mesmo sexo. No <i>print</i>, há, ainda, cenas de beijo, de dança e de bolo confeitado com as mesmas cores da bandeira LGBTQIA+.</p>

O que você conseguiu identificar e distinguir nas duas buscas?

O resultado dessas duas buscas, como você pode perceber, requer, de nós, uma diferenciação essencial:

[...] texto produzido em computador e um texto produzido a mão são distintos em sua ordem porque as memórias que os enformam são distintas em sua materialidade: uma é histórica e a outra é formal. A memória metálica (formal) ‘lineariza’, por assim dizer, o interdiscurso, reduzindo o saber discursivo a um pacote de informações, ideologicamente equivalentes, sem distinguir posições (Orlandi, 2012, p. 15-16).

Pensar esse pacote de informações a que se refere Eni Orlandi, na citação, é observar que, com o histórico de navegação de um estudante francês, a consulta em seu idioma materno com a expressão equivalente – “Mariage pour tous” (Casamento para todos) – na primeira busca, tem como resultado amostras de manifestações de rua, frutos de ativismos e militâncias que são, como se sabe, marca de uma sociedade instada a lutar por seus direitos.

Para ter acesso a resultado distinto, na segunda busca, pelo mesmo computador, o pós-graduando usa a expressão em português, seguida da palavra “Brasil”, em referência ao

contexto geográfico em questão. Nessa investida, o resultado atina o foco nos momentos íntimos de celebrações.

Com esses dois exemplos, podemos defender que a memória metálica é aquela que é:

[...] produzida por um construto técnico (televisão, computador, etc.). Sua particularidade é ser horizontal [...], não havendo assim estratificação em seu processo, mas distribuição em série, na forma de adição, acúmulo: o que foi dito aqui e ali e mais além vai-se juntando como se formasse uma rede de filiação e não apenas uma soma. Quantidade e não historicidade (Orlandi, 2006, s/p.).

Então, se contrastamos o que as duas imagens (das duas buscas) contemplam, mesmo entendendo que as formulações linguísticas adotadas para a pesquisa foram diferentes, uma das reflexões possíveis perfaz, reiterando o que já trouxemos com Orlandi (2012, p. 16), que a memória metálica reduz “[...] o saber discursivo a um pacote de informações, ideologicamente equivalentes, sem distinguir posições”.

Considerações finais

Neste primeiro módulo, desenvolvemos um olhar mais aguçado às especificidades requeridas na análise de materialidades hipermidiáticas distintas, em consonância com funcionamentos da memória metálica. Para tanto, retomamos as noções de língua e linguagem no tratamento de arquivo digital, observando como se dá a relação de sujeitos com atravessamentos do tecnológico, em seus diversos dispositivos de controle.

Imersos nas condições de emergência para enunciados na rede, também discutimos a noção de hipermídia e parte do que caracteriza essa junção do denominado hipertexto com a multimídia em si. Entre o que caracteriza a irrupção desses espaços no digital, passamos pela discussão em torno da gama possível de acessos simultâneos a diferentes linguagens/discursos; pela compreensão de se tratar de espaços de (não)ruptura da linearidade e confluência da interatividade da navegação com o coercitivo da memória metálica (Orlandi, 2012), atentando-nos para rupturas, relações de força e naturalizações envolvidas.

Sendo assim, a fim de finalizar o caminho iniciado, mas deixar ecoando novas inquietações, fomentadas por Grigoletto (2017), reproduzimos três perguntas essenciais no contexto em que nos lançamos, aqui neste material:

- Como a internet, enquanto dispositivo de poder, determina os trajetos de armazenamento e leitura dos arquivos na rede?
- O que de um determinado acontecimento histórico é registrado/armazenado nos arquivos da internet?
- “Qual o papel do sujeito [pesquisador] nessa relação entre registro e leitura desses arquivos?” (Grigoletto, 2017, p. 146, acréscimos meus).

Por fim, para nós, pessoas egressas do bacharelado em Comunicação, dos cursos de Letras e de tantas licenciaturas, conceber a estabilização ideológica inerente aos espaços hipermidiáticos e fomentar a leitura crítica desse funcionamento dentro e fora das salas de aula perfaz a concretização do objetivo maior deste texto interativo, qual seja: problematizar relações entre as diferentes materialidades languageiras, a constituição de dizibilidades e sua circulação na funcionalidade algorítmica de tempos tão “internáuticos”.

Até a próxima!

Referências

- BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 2 ed. Campinas, RJ: Editora da UNICAMP, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- GALLO, Solange Maria Leda; SILVEIRA, Juliana da; PEQUENO, Vitor. Fake News: efeito de fake, efeito de news. In: Evandra Grigoletto; Fabiele de Nardi; Helson da Silva Sobrinho. (Org.). **Ousar se revoltar**. 1 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021, v. 1, p. 253-257.
- GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. Paraná: Assoeste, 1984.
- GRIGOLETTO, Evandra. Embates entre a memória e o arquivo: modos de dizer e (re)significar a figura do Cangaceiro na rede. In: GRIGOLETTO, Evandra; GOMES, Inara, Ribeiro. (Org.). **Memória, história, arquivo: fronteiras e intersecções**. Vol. 1. Recife: Editora Universitária UFPE, 2015. p. 25-37. Disponível em: <https://link.ufms.br/Rwfil>. Acesso em: 17 mar. 2024.
- GRIGOLETTO, Evandra. Entre a dispersão e o controle: ler os arquivos da internet hoje. In: FLORES, Giovanna Gertrudes Benedetto et. al. (Org.). **Análise de discurso em rede: cultura e mídia – vol. III**. Campinas: Pontes, 2017. p. 145-169.
- GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Efeitos do Arquivo. A Análise do Discurso no Lado da História. In: ORLANDI, Eni. (Org.). **Gestos de Leitura: da história no discurso**. 4 ed. Editora da UNICAMP, 2014. p. 169-191.
- KOMESU, Fabiana. Espaços e fronteiras da “liberdade de expressão” em blogs na internet. **Trab. linguist. apl.** [online]. 2010, vol.49, n.2, p.343-357. Disponível em: <https://link.ufms.br/NOd94>. Acesso em: 17 mar. 2024.
- MACHADO, Débora Franco. Mediações algorítmicas: o poder de modulação dos algoritmos do Facebook. **Parágrafo**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 43-55, jun. 2018. ISSN 2317-4919. Disponível em: <https://link.ufms.br/4iEMf>. Acesso em: 20 jul. 2019.
- MENDES, Andréia Almeida et al. **Linguística textual e ensino**. Porto Alegre: SAGAH, 2020. 1 recurso online. ISBN 9786581492670. p. 31-62. Disponível na Biblioteca Digital da UFMS.
- MUSSALIM, Fernanda. A Análise do Discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**, vol. 2, 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 101-142. Disponível na Biblioteca Digital da UFMS.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 10. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, Eni. Conversa com Eni Orlandi. In: BARRETO, Raquel. **Teias:** Rio de Janeiro, ano 7, nº 13-14, jan/dez, 2006. Disponível em: <https://link.ufms.br/TtwcP>. Acesso em: 17 mar. 2024.

ORLANDI, Eni. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 6ª edição, Pontes Editores: Campinas, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Texto e Discurso, **Organon**, UFRGS, v. 9, n. 23, 1995. Disponível em: <https://link.ufms.br/Xr4cy>. Acesso em: 21 ago. 2023.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni (Org.) **Gestos de leitura:** da história no discurso. Tradução: Bethania S. C. Mariani. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994. p.55-66.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; DELA-SILVA, Silmara. Arquivo. In: MARIANI, Bethania; MEDEIROS, Vanise; DELA-SILVA, Silmara. (Orgs.). **Discurso, arquivo e...** Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. p. 11-21.

SANTAELLA, Lúcia. Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia. **Bakhtiniana:** Revista de Estudos do Discurso, v. 9, n. 2, p. 206–216, jul. 2014. Disponível em: <https://link.ufms.br/fU0Et>. Acesso em 17 mar. 2024.

TERRA, Ernani. O texto. In: TERRA, Ernani. **Linguagem, língua e fala.** 3 ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2018. ISBN 9788553131112. p. 57-68. Disponível na Biblioteca Digital da UFMS.



Módulo 2

**Procedimentos analíticos em
Análise de discurso**



Apresentação

Olá, navegante!

Seja muito bem-vinda, seja muito bem-vindo à próxima parada. Com pés em solo heterogêneo, você fará uma imersão na historicidade com que a Análise de Discurso de orientação francesa irrompe na década de 60, configurando-se uma disciplina de entremeio de extrema relevância aos estudos da linguagem, dado o seu potencial para a compreensão e interpretação de práticas discursivas, sobretudo as de natureza político-midiáticas.

Depois de, no primeiro módulo, desenvolver um olhar para o que configura realizar uma análise de materialidades hipermidiáticas distintas, em consonância com funcionamentos da memória metálica, neste **Módulo 2 – Procedimentos analíticos em Análise de discurso** – iniciamos um aprofundamento no terreno teórico-metodológico que nos embasa.

Com a **Unidade 1 – Disciplina de Entremeio** –, por exemplo, retomando o contexto de emergência da AD na França da década de 60, você terá como expandir sua compreensão quanto à forma como a vertente em estudo se caracteriza, na área, como disciplina de entremeio, na interface com demais campos epistemológicos de diálogos e duelos do período.

Na **Unidade 2 – A produção de sentidos em práticas discursivas político-midiáticas** –, por sua vez, o percurso envolve refletir acerca da produção de sentidos em práticas discursivas específicas: as de natureza político-midiática.

Ao navegar por este módulo, tenha as seguintes questões em mente:

- Como as **condições de emergência** da AD francesa contribuem para que ela seja considerada uma vertente de **tomada de posição**?
- Como a AD francesa se estabelece enquanto **disciplina de ruptura** na década de 60?
- Por que a AD francesa se caracteriza enquanto **disciplina de entremeio**?
- Como a **natureza composta** dos discursos político-midiáticos, em estudo, favorece o trabalho com o ensino de línguas na educação básica?

Com a tônica lançada, o objetivo específico desta nova parada é que você possa mobilizar o escopo teórico-metodológico da Análise de Discurso, originada na França, especialmente em seu potencial para leitura de práticas discursivas político-midiáticas e para o ensino de línguas.

Que tenhamos uma excelente viagem!

#Bora?

Unidade 1

Disciplina de Entremeio

A primeira observação importante é que este texto se destina a fomentar maior imersão no campo teórico da AD francesa e na relação entre ele e alguns objetos de estudos. Esta unidade não tem a pretensão de funcionar como obra introdutória da AD francesa. Aliás, no mercado científico hoje, já existem várias produções importantes e robustas, que perfazem tal tarefa. Veja a seguir parte do arsenal disponível:

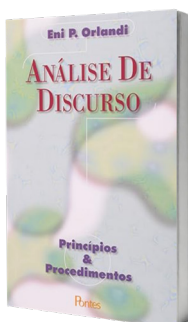
Algumas obras introdutórias da AD francesa no Brasil



Fonte: Freire (2021)

A obra “Análise de discurso: procedimentos metodológicos”, de Sérgio Freire (2021), é uma produção bastante didática, que pode servir de exemplo tanto para a realização quanto para a escrita da análise.

Descrição da imagem: Capa do livro “Análise de discurso: procedimentos metodológicos”, de Sérgio Freire.



Fonte: Orlandi (2012)

A obra “Análise de Discursos: princípios e procedimentos”, de Eni Orlandi (2012), é um livro tradicional na área, por representar uma investida teórica no campo que a autora tanto contribuiu para difundir no Brasil, seja com suas elaborações, seja com as traduções dos textos de Michel Pêcheux.

Descrição da imagem: Capa do livro “Análise de Discursos: princípios e procedimentos”, de Eni Orlandi.



Fonte: Brandão (2004)

A obra “Introdução à Análise do Discurso”, de Helena Nagamine Brandão (2004), é um construto que, além de introduzir a perspectiva em estudo, também situa parte das contribuições teóricas do filósofo russo, Mikhail Mikhailovich Bakhtin. No Brasil, os postulados desse autor deram origem a outra vertente – a Análise Dialógica do Discurso.

Descrição da imagem: Capa do livro “Introdução à Análise do Discurso”, de Helena Nagamine Brandão.

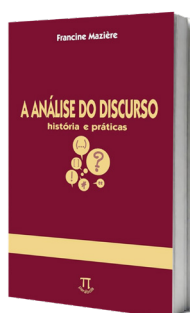




Fonte: Quadros, Jovino e Muniz (2020)

A obra “Introdução à análise do discurso: perspectivas teórico-práticas”, de Daiane Franciele Morais de Quadros, Ione da Silva Jovino e Cassandra da Silva Muniz (2020), consiste em um percurso que situa as mudanças teóricas existentes desde as abordagens linguísticas focadas na análise frasal até a focalização do texto como unidade de análise.

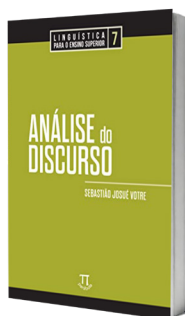
Descrição da imagem: Capa do livro “Introdução à análise do discurso: perspectivas teórico-práticas”, de Daiane Franciele Morais de Quadros, Ione da Silva Jovino e Cassandra da Silva Muniz.



Fonte: Mazière (2007)

A obra “A análise do discurso: história e práticas” é um resgate histórico que Francine Mazière (2007) realiza do quadro epistemológico que se inaugurou na França de 1960, em conformidade ao surgimento da AD.

Descrição da imagem: Capa do livro “A análise do discurso: história e práticas”, de Francine Mazière.



Fonte: Votre (2019)

A obra “Análise do discurso”, de Sebastião Josué Votre (2019), constitui a coleção “Linguística para Ensino Superior”. Nela, há uma importante atualização quanto às correntes teóricas do campo discursivo, em funcionamento no Brasil.

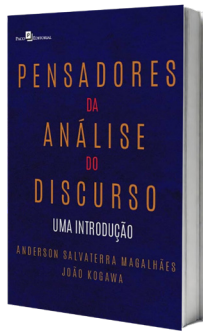
Descrição da imagem: Capa do livro “Análise do discurso”, de Sebastião Josué Votre.



Fonte: Maingueneau (2015)

A obra “Discurso e análise do discurso”, de Dominique Maingueneau (2015), consiste em um texto que olha para o campo macro dos estudos discursivos e, além de tratar da teoria francesa em estudo aqui, ainda situa parte das bases da vertente anglo-saxã, conhecida como Análise Crítica do Discurso.

Descrição da imagem: Capa do livro “Discurso e análise do discurso”, de Dominique Maingueneau.



Fonte: Magalhães e Kogawa (2019)

Esta última obra, “Pensadores da Análise do Discurso: uma introdução”, de Anderson Salvaterra Magalhães e João Kogawa (2019), é uma produção contemporânea que, como afirmam os próprios autores, busca “[...] indicar aproximações entre pensamentos de um campo de estudo, assim como afastamentos que constituem a heterogeneidade desse mesmo campo” (MAGALHÃES, KOGAWA, 2019, p. 17).

Descrição da imagem: Capa do livro “Pensadores da Análise do Discurso: uma introdução”, de Anderson Salvaterra Magalhães e João Kogawa.

Nestas obras, note que eu concentrei indicações que sistematizam relação com a AD francesa. Mantendo um paralelo entre a vertente materialista inspirada em Michel Pêcheux e a vertente histórica que se inspira no filósofo francês Michel Foucault, ainda poderia indicar leituras acerca dos Estudos Discursivos Foucaultianos, ou mesmo, o livro de Fernandes (2007), que perpassa importantes elementos do pensamento foucaultiano de um ponto de vista discursivo.

Estudos Discursivos Foucaultianos

Os chamados “Estudos Discursivos Foucaultianos” institucionalizam, na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll), um Grupo de Trabalho (GT) que, afastando-se da vertente pecheuxtiana, assume as contribuições de Michel Foucault para a produção de análises discursivas. Navarro (2020) é um dos artigos que celebram parte da diferença entre as duas correntes.

Além disso, considerando a existência de diferentes Análises de/do Discurso no campo dos estudos da linguagem, ficaram de fora indicações acerca da chamada Análise Dialógica do Discurso (ADD) e da vertente anglo-saxã, conhecida como Análise Crítica do Discurso ou Análise de Discurso Crítica, para exemplificar apenas essas.

Análises de/do Discurso

Na tradição teórica, usamos a preposição “de” em referência à vertente materialista (pecheuxtiana) de análise discursiva. Com a preposição “do”, por sua vez, podemos fazer alusão tanto à vertente histórica (foucaultiana), quanto à disciplina anglo-saxã, conhecida como Análise Crítica do Discurso (ACD).

Análise Dialógica do Discurso (ADD)

A Análise Dialógica do Discurso (ADD) é uma vertente brasileira, inspirada no pensamento do Círculo de Bakhtin, que se detém, teórica e metodologicamente, no estabelecimento de uma relação dialógica com seu objeto de estudos. Entre as leituras relevantes acerca de tal escopo, está a discussão de Brait (2012).

Análise Crítica do Discurso

A Análise Crítica do Discurso é uma vertente discursiva de origem anglo-saxã que, em sua natureza transdisciplinar, parte de problemáticas sociais para empreender pesquisas que se prestam a desvelar a assimetria das relações de poder. Entre os grandes nomes dessa perspectiva, estão Teun Van Dijk, Norman Fairclough, Gunther Kress, Theo Van Leeuwen e Ruth Wodak.

No campo maior das teorias textuais e/ou discursivas, ainda poderíamos acrescentar a Linguística Textual, a Pragmática e a Semiótica Discursiva.

Linguística Textual

Com Koch (1999), você poderá entender que a Linguística Textual é responsável por uma “mudança de terreno” empreendida nas pesquisas linguísticas do século XX, analisando, para tanto, a construção, o funcionamento e, até, a recepção de objetos textuais.

Pragmática

A Pragmática focaliza os usos linguísticos, promovendo uma conexão entre língua, contexto e usuário, sobretudo com foco na produção de significados na linguagem humana. Entre as indicações de leitura para compreensão dessa vertente, está o texto de Armen-gaud (2006).

Semiótica Discursiva

A Semiótica greimasiana é a vertente que articula o plano de expressão e o plano de conteúdo de diferentes objetos textuais, focalizando seus mecanismos de estruturação. Para compreender seu escopo, indicamos a leitura de Fiorin (2018).

Com a inserção bem marcada, portanto, no terreno epistemológico dos estudos textuais e discursivos, nesta unidade, realizamos uma breve imersão na historicidade com que a Análise de Discurso de orientação francesa irrompe, na década de 60, configurando-se uma disciplina (de entremeio) de extrema relevância aos estudos da linguagem, dado o seu potencial para a compreensão e interpretação de práticas discursivas, sobretudo as de natureza político-midiáticas.

Feita a elucidação quanto à diversidade de vertentes envolvidas, chegou a hora de delimitar o objeto em questão no lugar em que nos assentamos:

**O discurso para a AD francesa é:
Um objeto linguístico-histórico-ideológico**

Descrição da imagem: A figura é uma ilustração que diz “O discurso para a AD francesa é: um objeto linguístico-histórico-ideológico”.

Assumir o discurso, como um objeto que é constituído das três arestas citadas acima, é entendermos como a AD francesa é uma disciplina de entremeio.

Distinguindo o campo da reflexão discursiva daquele em que domina a noção de “intervalo”, estou, na história das teorias da linguagem, situando a análise de discurso, que pratico e que vou expor, como uma disciplina que se constitui “no meio de”. Daí a dupla referida no título “intermédio/entre-meio”. Diferentemente do intervalo, a ideia de entremeio refere a espaços habitados simultaneamente, estabelecidos por relações contraditórias entre teorias. (Orlandi, 2002, p. 21, grifo nosso)

Nos estudos da linguagem, pensar a contrariedade desses espaços teóricos se fazia desafiador, já que, no período descrito pela autora citada, ainda tinha sua força uma perspectiva estruturalista de conceber a língua.

Manifestação na França, em maio de 1968



Fonte: [André Cros](#)

Descrição da imagem: Foto antiga, em preto e branco, de uma manifestação popular. Uma multidão ocupa todo o espaço da via. À frente da multidão, há uma grande bandeira da França. Ao redor, há prédios notadamente de arquitetura antiga.

Ferreira (2003) destaca como a AD francesa se estabelece enquanto uma espécie de aventura que é teórica, epistemológica e, também, analítica, ao surgir em um momento no qual todas as ideias passavam por nova formatação, sobretudo em meio ao movimento de **maio de 68**.

Saiba mais

Maio de 68” remete a um conjunto de manifestações sociais no mundo a partir de protestos estudantis da França de 1968, protestos estes que questionavam estruturas sociais da época. Saiba mais em <https://link.ufms.br/BYY5>

Do ponto de vista político, a Análise do Discurso (AD) nasce, assim, na perspectiva de uma intervenção, de uma ação transformadora, que visa combater o excessivo formalismo linguístico então vigente, visto como uma nova facção de tipo burguês. Ao lado dessa tendência revolucionária, a AD busca desautomatizar a relação com a linguagem, donde sua relação crítica com a linguística (Ferreira, 2003, p. 40).

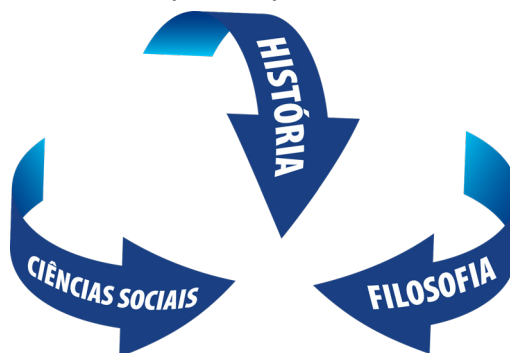
Apesar de combater qualquer tendência formalista, a AD também assume as contribuições de três grandes campos para a consolidação de seu projeto teórico, com sua pluralidade de reformulações e operando na fronteira das teorias, conforme se pode ver a seguir:

Linguística	Marxismo	Psicanálise
Não transparência da Língua	Ideologias, luta de classes, combate ao capitalismo.	Deslocamento da noção de homem para a de sujeito.

Neste quadro, vemos, inicialmente, a relação com a Linguística. Reafirmando o papel da língua enquanto elemento autônomo, a AD francesa o faz, relativizando essa autonomia de toda e qualquer regra interna ao sistema linguístico, como descrito pelo Estruturalismo. Isso porque a Análise de discurso defende a reinserção do sujeito (herança da psicanálise) nos estudos da linguagem e aciona o materialismo histórico (da teoria marxista) para a defesa quanto ao papel do histórico-ideológico na produção de sentidos.

Desse modo, se a Análise de Discurso é herdeira das três regiões do conhecimento – Psicanálise, Linguística, Marxismo – não o é de modo servil e trabalha uma noção – a de discurso – que não se reduz ao objeto da Linguística, nem se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise. Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele (Orlandi, 2012, p. 20).

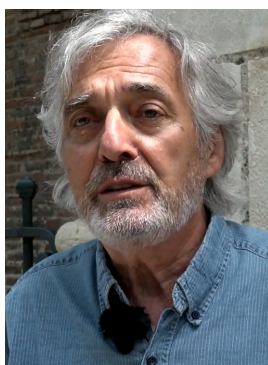
A relação com o campo maior, entendido o terreno ocupado pela Linguística do século XX, emerge, como tem ficado mais claro, de uma interface com outras áreas no rol das Ciências Humanas e Sociais, a exemplo do que caracteriza a figura a seguir:



Descrição da imagem: A imagem funciona como um esquema formado por três setas circulares, com uma escrita dentro. O que cada seta diz é: “História” (centro superior), “Filosofia” (canto inferior direito para quem olha a tela, apontando para a palavra anteriormente descrita) e “Ciências Sociais” (canto inferior esquerdo para quem olha a tela, apontando para a palavra anteriormente descrita). No centro, envolto pelas setas, está escrito “AD Francesa”.

Nesta figura, esbocei a interconexão entre campos distintos que corroboram para o caráter próprio da AD Francesa, uma vez que, “[...] hoje, no Brasil, a Análise do Discurso se descolou da Linguística e ganhou maior entrada nas áreas-fronteiras, como História, a Filosofia, a Sociologia e a Psicanálise” (Ferreira, 2003, p. 45). Sobre a última a que a autora se refere, não a representei da imagem porque, na própria descrição do surgimento da AD, a contribuição psicanalítica já comparece demarcada, no quadro apresentado anteriormente.

Denise Maldidier, ao recuperar as condições de emergência da AD francesa, fala de uma dupla fundação, em termos das autorias que foram significativas. Nas palavras da historiadora: “[...] a dupla fundação, que descrevo através das figuras de Jean Dubois e Michel Pêcheux, nada tem de individual, ela coloca a questão sobre as condições de possibilidade de um campo novo dentro da conjuntura teórico-política do fim da década de 1960” (Maldidier, 2014, p. 17). A seguir, illustrei os dois nomes importantes nesse processo, bem como enumerei o que caracteriza cada um:



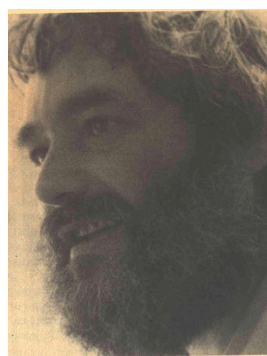
Jean Dubois

- Linguista.
- Universitário.
- Lexicólogo.

Descrição da imagem:

Foto de Jean Dubois. Ele é um homem branco, com cabelo grisalho na altura das orelhas e barba curta e grisalha. Veste uma camisa azul.

Fonte: [Librairie Mollat](#)



Michel Pêcheux

- Filósofo.
- Focado no Marxismo, na Psicanálise e na Epistemologia (história das Ciências Humanas).

Descrição da imagem:

Foto de Michel Pêcheux. Ele é um homem branco, com cabelo preto na altura das orelhas, barba densa e preta e sobrancelhas grossas. Veste um casaco, do qual só é possível ver a gola branca.

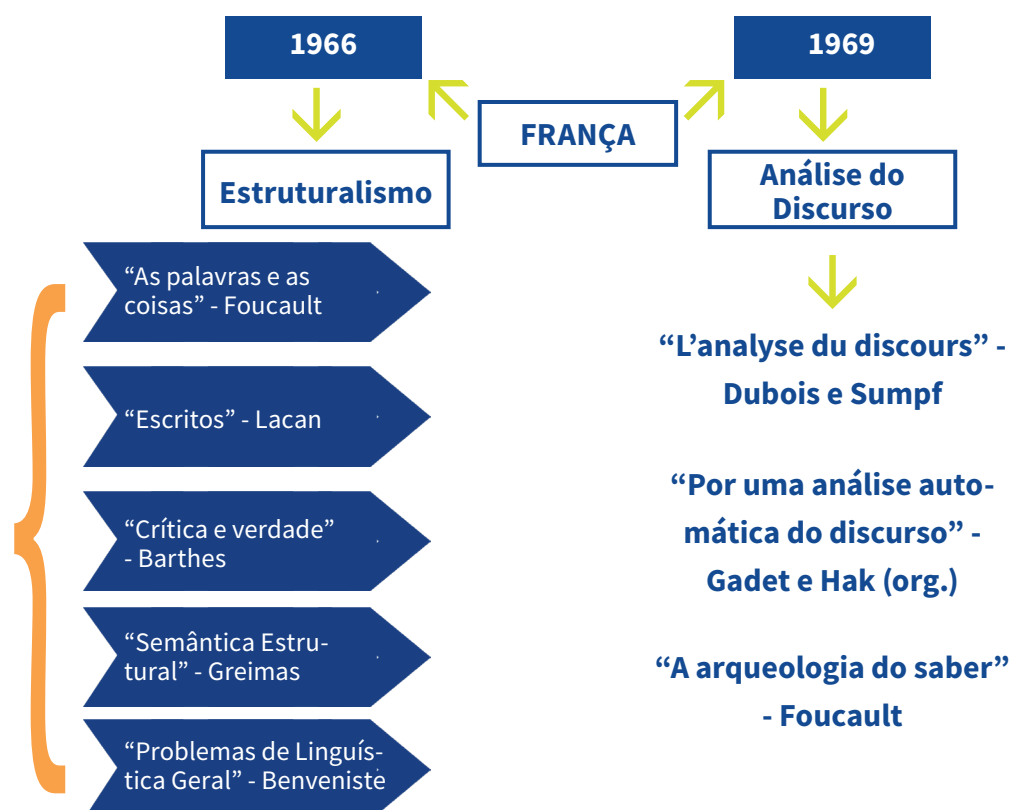
Fonte: [Labeurb](#)

Apesar da parceria entre os dois estudiosos, Maldidier (2014) esclarece como os postulados de ambos eram dissonantes no que diz respeito à AD ser ou não um tipo de ramificação discursiva da Linguística:

Do lado de J. Dubois, a instituição da AD é pensada dentro de um continuum: a passagem do estudo das palavras (lexicologia) ao estudo do enunciado (análise do discurso) é “natural”, é uma extensão, um progresso permitido pela linguística [...] Do lado de M. Pêcheux, ao contrário, a análise do discurso é pensada como ruptura epistemológica com a ideologia que domina nas ciências humanas. (Maldidier, 2014, p. 21)

Além de conhecer os dois teóricos envolvidos no nascimento da perspectiva discursiva e de entender como ambos apostaram no papel desse construto teórico-analítico, faz-se pertinente elucidar o **dinamismo epistemológico** envolvido à época, conforme ilustrado a seguir:

Das condições de produção - século XX



Consideremos agora as chamadas **Fases da AD francesa**, em especial com Mussalim (2009).

Fase 1

Temos, como **AD-1 Máquina Discursiva** ou **AAD** (Análise Automática do Discurso), um momento em que os objetos de estudo eram discursos menos polêmicos, a exemplo dos discursos políticos teórico-doutrinários.

Tem-se, então, a noção de “máquina discursiva”: uma estrutura (condições de produção estáveis) responsável pela geração de um processo discursivo (o processo de construção do manifesto comunista, por exemplo) a partir de um conjunto de argumentos e de operadores responsáveis pela construção e transformação das proposições, concebidas como princípios semânticos que definem, delimitam um discurso (Mussalim, 2009, p. 118).

Nessa primeira fase, eram procedimentos comuns, segundo a autora citada:

1. a seleção de corpus fechado;
2. a análise linguística do léxico das construções sintáticas;
3. a análise discursiva por eixos parafrásticos possíveis;
4. a relação entre paráfrases e estruturas geradoras do processo discursivo.

Fase 2

Na segunda fase, **AD-2 – Formação Discursiva** (FD), como o próprio nome já antecipa, partia-se de uma FD – Formação Discursiva (enquanto sistema enunciativo de paráfrases), ou seja, partia-se do que “[...] pode/deve ser dito a partir de um determinado lugar social”, cabendo à/ao analista descrever a dispersão, estabelecendo regularidades (regras de formação ou mecanismos de controle) do que é interno/externo a uma FD”. Nessa fase, os procedimentos comuns eram os mesmos da fase anterior, com pouca variação.

Nesta segunda fase da AD, portanto, o objeto de análise passará a ser as relações entre “máquinas” discursivas. Vale ressaltar, no entanto, que o fechamento da maquinaria ainda é conservado, pois a presença do outro (outra FD) sempre é concebida no interior da FD em questão (Mussalim, 2009, p. 119).

Fase 3

Na terceira fase, **AD-3 – Interdiscurso**, “[...] adota-se a perspectiva segundo a qual os diversos discursos que atravessam uma FD não se constituem independentemente uns dos outros para serem, em seguida, postos em relação, mas se formam de maneira regulada no interior de um interdiscurso” (Mussalim, 2009, p. 120). Nessa terceira fase, como se vê, os procedimentos se diferenciam bastante das análises iniciais.

Seguindo o que discute Freire (2021), podemos sumarizar como três os passos envolvidos:

1. a partir de uma formulação (superfície linguística), era preciso problematizar quais **Marcas Textuais** (e não outras) poderiam ser retomadas no processo de análise;
2. também era importante problematizar quais **Objetos Discursivos** (o que ficou de fora por ser silenciado/apagado) poderiam ter sido textualizados e não foram;
3. por fim, era essencial problematizar o **Processo Discursivo**, refletindo acerca das possíveis implicações que a presença de tais objetos discursivos não textualizados poderiam imprimir na produção de sentidos (Formulando a pergunta analiticamente via AD francesa: Quais são as propriedades do discurso: a que Formação Discursiva (FD) pertencem e qual é a Formação Ideológica que dá sustentação às formações discursivas?).

Unidade 2

A produção de sentidos em práticas discursivas político-midiáticas

Nesta unidade, depois de perpassar a historicidade das condições de produção inerentes à teoria da AD francesa, chegou a hora de refletir um pouco, de maneira mais prática, sobre o processo de produção de sentidos de discursos político-midiáticos, linkando sua relevância ao contexto do ensino de línguas na educação básica.

Na direção do nosso propósito, vamos iniciar redirecionando questões analíticas comuns nos empreendimentos didáticos cotidianos, a fim de exercitarmos o escopo teórico discutido principalmente na unidade anterior. Consideremos a primeira virada de chave necessária, isto é, entender que as questões a seguir não são questões da AD francesa. Descubra os motivos:

“O autor o que quis dizer?”

Não se concebe a existência de uma **“intenção comunicativa”** de qualquer autoria como a fonte de sentidos, pois o sentido não existe antes do nosso engajamento com a prática discursiva.

Diferentemente do que ocorre na AD francesa, em muitas vertentes teóricas, como a Pragmática, defende-se que as trocas languageiras são calcadas em uma intenção comunicativa de alcançar um propósito específico na instância da interlocução. De acordo com Koch (2009, p. 17), “[...] para que este seja alcançado, faz-se necessário assegurar ao enunciatário as condições necessárias para que reconheça a intenção e realize o objetivo visado. Para tanto, o enunciador realiza atividades linguístico-cognitivas com o intuito de garantir a compreensão e estimular, facilitar ou causar a aceitação”.

“O que o texto diz?”

Não se pode fechar que o objeto textual possa ter algum sentido estabelecido, de forma estanque e automática, sem que se possa conceber, de maneira processual, que haja um processo de **descrição e interpretação** de sua materialidade, no confronto entre sua **formulação** (as linguagens mobilizadas) e as **condições de produção**.

Para Orlandi (2010, p. 62), “[...] não há análise do discurso sem mediação teórica permanente, em todos os passos da análise, trabalhando a intermitência entre descrição e interpretação que constituem, ambas, o processo de compreensão do analista”.

“Qual o conteúdo do texto?”

Entre os sentidos possíveis a um objeto em análise, algumas temáticas podem emergir no debate (e não outras) - o que, decididamente, não condiz com uma ideia **conteudística** que esteja contida ou que seja uma.



Em síntese, se não existe um sentido previamente pairando na “mente” de alguma autoria, se ele já não está contido, previamente, e de forma estanque em um texto, como se dá a produção de sentidos, ou, melhor ainda, que perguntas são possíveis para uma reflexão acerca dos sentidos em face das especificidades da AD francesa, aqui mobilizada?

Levando em conta que, na vertente em estudo, nosso foco se direciona para abertura e diversidade, não para o fechamento, selecionei duas dentre outras questões possíveis e/ou produtivas ao caminho analítico que seguimos discutindo. Então, são questões coerentes com o escopo da AD francesa:

Como se constituem os sentidos da materialidade em análise (considerando-se os ditos e os não-ditos)?

Quais **percursos de sentido são possíveis** para esta materialidade?

Essas indagações são plurais e decorrem de questionamentos em torno do COMO dos sentidos, em um convite ao movimento, à mobilização, novamente, da formulação com suas condições de produção, em um entrecruzamento no qual também os não ditos são fundamentais à atividade de descrição-interpretação de uma materialidade textual.

Isso significa que os efeitos de sentido possíveis (de ambiguidade, de negação, de afirmação, de causalidade etc.) se constituem na relação entre a superfície linguística/formulação (formada por base linguística regida por leis internas) e as condições de produção (condições sociais, históricas e ideológicas que garantiram a emergência de um discurso).

Observando o caráter ativo e processual de nosso movimento de leitura, já podemos resgatar que, no conceito pecheuxiano de **discurso**, a definição comum - “efeito de sentidos entre interlocutores” - funciona como uma deixa para elaborarmos uma percepção mais aguçada em torno do que marca esses efeitos ou a própria historicidade que os constitui:

Sentidos

- Não são transparentes.
- Não estão dados.
- Não estão no autor.
- Não são esgotáveis (o leitor não tem acesso a todos os sentidos possíveis).
- Não podem ser qualquer um.

Historicidade

- Não é apenas a localização do texto num tempo histórico.
- Não é apenas a forma como a cultura se reflete no texto.
- Não são o **contexto**, e sim: as Condições de produção x Condições de possibilidade.
- Não se parte da história para o texto.
- O texto é visto enquanto materialidade da história.

Para pensar os discursos, mantendo a metodologia de contrastar o que perfaz ou não o escopo da AD francesa, considero fundamental começarmos com as negações, a seguir:

Discurso não é...

- língua
- texto
- fala
- linguagem

Se o discurso não se confunde com as noções de língua, texto, fala e, mesmo, com a de linguagem, segundo ilustra o esquema anterior, quais seriam as afirmações que sistematizam um lugar de definição da categoria discursiva?

Discurso é...

- uma prática
- efeito de sentidos entre interlocutores

Aqui, há, como se vê, uma relativização do que se considerava como extralinguístico ou do próprio princípio de arbitrariedade que, no estruturalismo saussureano, situava a relação com o significado linguístico dos signos. Pensar o discurso como prática é estabelecer relação com os já-ditos e com os sujeitos. **Mas quem são os sujeitos?**

Sobre estes, cabem, igualmente, as devidas diferenças. Quando se pensa na categoria “falante”, em vários escopos teóricos, estamos diante de uma categoria que, em tese, “pode dizer tudo”, já que perfaz o lugar de quem fala, sinaliza (no caso da Libras) ou de quem produz um enunciado.

Para tratar do sujeito, por sua vez, noção primordial nos estudos discursivos, temos que nos distanciar da ideia de indivíduo empírico no mundo e pensar em como o sujeito tem

um dizer contingenciado: “não pode dizer tudo em qualquer lugar, nem em qualquer momento ou para qualquer pessoa”. Trata-se, então, de um conceito que sofre interditos, na medida em que ele é uma posição que emerge no/do/pelo discurso. Assim:

- O sujeito é **construído** historicamente pelas relações.
- Consiste em (Dispersão de) **posições** (históricas) **ideológicas**.
- **Posição-sujeito**: “lugar de onde se fala e se produz sujeito”.

Entendida a relação com a categoria **sujeito**, é chegada a hora de passarmos para outro esmiuçamento necessário: a/o **M[é]todo(logia)**. Com uma formulação que brinca com o par tradicional – método e metodologia – escolhi elucidar que, em AD francesa, o chamado dispositivo teórico é, também, metodológico e analítico, de forma que as etapas são indissociáveis:

Assim, a construção do corpus e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do corpus já é decidir acerca das propriedades discursivas. Atualmente, considera-se que a melhor maneira de atender à questão da constituição do corpus é construir montagens discursivas que obedeçam a critérios que decorrem de princípios teóricos da análise do discurso, face aos objetivos da análise, e que permitam chegar à sua compreensão. Esses objetivos, em consonância com o método e os procedimentos, não visa a demonstração, mas a mostrar como um discurso funciona produzindo (efeitos de) sentidos (Orlandi, 2010, p. 63).

Compreendida essa dimensão compósita, quando se pensa na análise discursiva, deve-se considerar como o chamado corpus de análise é construído pelo analista e exige orientação teórica. Essa construção pode ser chamada de recorte ou de sequência discursiva. Independentemente da nomenclatura mobilizada, construir um corpus implica em (re)construir continuamente o próprio fazer científico (no que tange à escrita da AD).

Trata-se, então, da promoção de um (gesto de) interpretação que, a partir do batimento (descrição/interpretação), desestabiliza efeitos de evidência de materialidades textuais em investigação.

[...] o problema principal é determinar nas práticas de análise de discurso o lugar e o momento da interpretação, em relação aos da descrição: dizer que não se trata de duas fases sucessivas, mas de uma alternância ou de um batimento, não implica que a descrição e a interpretação sejam condenadas a se misturar no indiscernível (Pêcheux, 2008, p. 54).

Mantendo paralelismo com a estratégia de estabelecimento de contrastes didáticos para caracterização, também aqui, do processo analítico, podemos definir que:

Descrever e Interpretar não significa:

- Descobrir a intenção de autoras e autores.
- Recuperar algo da ordem do factual.
- Justificar um fato.
- Propor soluções.
- Intervir na sociedade.
- Exaurir os sentidos de um texto.
- Fazer justiça.

O **Descrever** e o **Interpretar** requerem:

A. Acionamento de múltiplas formas.

Toda **descrição** acarreta **interpretação**.

A

B

B. Produção por sujeito na mobilização das memórias discursivas e levando em conta suas relações sociais (**posição**)

(**análise** = recuperação do processo de produção ◆ **batimento**)

Com o esquema apresentado, em resumo, são papéis do analista: desfazer a evidencialidade de laços que uniriam palavras e coisas, bem como conceber metáforas, apagamentos, silenciamentos, lapsos, derivas, esquecimentos, heterogeneidades para produção de sentidos de uma prática discursiva qualquer.

Depois de situar como se dá o encadeamento analítico no manuseio de dizibilidades, é chegado o momento de perpassar parte do objeto que configura a forma com que designei essa unidade: **as práticas discursivas político-midiáticas**.

Em Santos (2014), já discuti como a materialidade midiática favorece a circulação de sujeitos ou discursos políticos com características próprias ao veículo de comunicação envolvido, de forma que as duas esferas – o político e o midiático – passem a figurar com novas roupagens, que lhe são próprias a tal cruzamento. Desse imbr-

camento é que nasce a preferência por operar com a categoria compósita: político-midiática.

Considere, então, um evento conhecido, na história político-midiática recente de nosso país:



Fonte: [O Sul](#)

Descrição da imagem: Na imagem, há o print de uma postagem tratando de matéria da revista Veja, publicada em abril de 2016, versando sobre a esposa do vice-presidente à época. Título: “A “futura” primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice”. Há uma imagem do casal e em seguida uma legenda: “Marcela, esposa de Michel Temer, é conhecida por ser bela, recatada e ‘do lar’”.

Em 2016, um semanário de atualidades, a revista *Veja*, publicou uma matéria polêmica ao versar sobre a Marcela Temer, esposa de um sujeito político bastante focalizado na época, por ocupar a posição de vice-presidente (o Michel Temer). No texto que teve alta repercussão, além de outras passagens controversas que fomentam o imaginário de que o lugar da mulher seja o ambiente conhecido como doméstico, Marcela é definida com um enunciado que viralizou nas mídias televisivas, nas redes sociais e das discussões cotidianas de muitas brasileiras e muitos brasileiros: “Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’”. Sobre isso, observe a figura abaixo.

Do evento retratado, temos o surgimento de vários acontecimentos discursivos. Na verdade, “[...] o acontecimento discursivo não se confunde com a notícia, com o fato ou com o acontecimento construído pelo historiador, pois ele é apreendido na trama de enunciados que se entrecruzam em um dado momento” (Guilhaumou; Maldidier, 2014, p. 172).

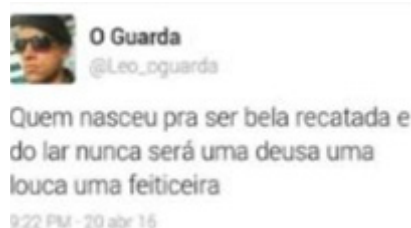
Na trama desses enunciados a que se referem os autores, outro elemento deve ser objeto de quem exercita uma análise de cenários similares: o potencial do ciberespaço, na relação com usuárias e usuários, para a promoção de mesclas de em grande magnitude: “[...] o ciberespaço se apropria e mistura, sem nenhum limite, todas as linguagens pré-existentes: a narrativa textual, a enciclopédia, os quadrinhos, os desenhos animados, o teatro, o filme, a dança, a arquitetura, o design urbano etc.” (Santaella, 2014, p. 212).

Na otimização de leituras de tanta diversidade, o mergulho na formulação de cada gênero textual envolvido, no confronto com suas condições de produção, se faz essencial, pois “[...] nessa malha híbrida de linguagens, nasce algo novo que, sem perder o vínculo com o passado, emerge com uma identidade própria” (Santaella, 2014, p. 212). Para exemplificar a relação do novo com o memorialístico do passado, veja a seguir um mosaico com memes, que surgiram a partir da matéria, antes retratada.



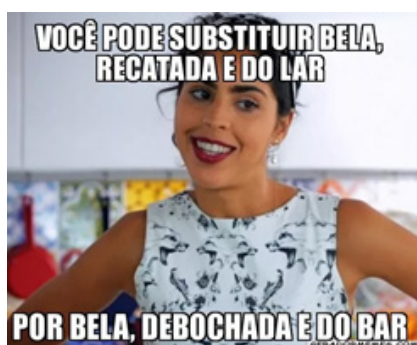
Fonte: Reprodução / Bela Sarcástica

Descrição da imagem: Meme que retrata a Monalisa com pernas à mostra, salto vermelho e segurando um cigarro em uma das mãos. Ao lado, lemos: Bela, recatada e do lar? Não sou obrigada!



Fonte: Reprodução / @Leo_oguarda

Descrição da imagem: Meme que traz uma captura de tela de uma postagem no Twitter (X). A postagem é de “O Guarda” e diz: Quem nasceu pra ser bela recatada e do lar nunca será uma deusa uma louca uma feiticeira.



Fonte: Reprodução / Galileu

Descrição da imagem: Meme que traz Bela Gil dizendo: Você pode substituir bela, recatada e do lar por bela, debochada e do bar.



Fonte: Reprodução / Museu de Memes

Descrição da imagem: Meme que traz uma mulher sentada em uma mesa, fumando, com uma garrafa de bebida alcoólica ao lado e com os dizeres ao redor: Bela, recatada e do lar.



Fonte: Reprodução / Museu de Memes

Descrição da imagem: Meme que traz Nazaré Tedesco, personagem da novela Senhora do Destino, junto com a frase: bela, recatada e do lar.

Saiba mais

De acordo com Recuero (2009, p. 130), “[...] a presença de memes é relacionada ao capital social, na medida em que a motivação dos usuários para espalhá-las é, direta ou indiretamente, associada a um valor de grupo. Por exemplo, as pessoas que espalham os recados com imagens acreditam estar fazendo algo positivo, que deixará aquele que recebeu a mensagem contente. Logo, há intencionalidade na construção/aprofundamento de um laço social, que é ultimamente explicado pela necessidade de capital social”.

Com esses memes, deixei uma pequena amostra da produtividade da internet e, embora não seja o objetivo analisá-los neste texto, a referência aos acontecimentos discursivos em questão nos interessa para refletirmos quanto à heterogeneidade de sentidos inerentes aos discursos em circulação na hipermídia. Na situação retratada, foram criados movimentos através de *hashtags*, em diversas redes sociais, além de postagens, compartilhamentos, memes e manifestações de todo tipo sendo replicadas com diferentes contextos e a partir do acionamento de variadas relações intertextuais e interdiscursivas. Nos resultados desse processo na hipermídia, surge:

Uma enxurrada dos mais distintos tipos de signos moventes, reagentes, sensíveis às intervenções que neles são feitas. As telas se enchem de sinais de orientação, de imagens, fotos, desenhos, animações, sons de distintas espécies e certamente de palavras, legendas e textos. Essas aparições dependem da interatividade do agente-usuário que vai conectando informações por meio de links (Santaella, 2014, p. 213).

Por fim, a “enxurrada” a que se refere Santaella (2014), no caso do exemplo de que estamos tratando, oscilou entre a dizibilidade bem-humorada e a reação popular de um ativismo comprometido em combater o machismo propagado pelo texto midiático. Para além desse movimento, inúmeros trabalhos científicos foram realizados, como as análises discursivas empreendidas por Fernandes e Santos (2018) ou Garcia e Sousa (2019). De todo modo, nos artigos, nas dissertações e teses publicados, você encontrará processos de revisitação tanto do fenômeno desembocado nas redes quanto de releituras críticas das próprias bases da produção jornalística.

Considerações finais

Neste módulo, você pôde compreender algumas das implicações teórico-metodológicas mais importantes quando se contrasta os pressupostos que emergem com o surgimento da Análise de Discurso, no contexto francês da década de 60, sobretudo no rol dos estudos da linguagem.

Enquanto síntese dos elementos que perfazem tal compreensão, podemos enumerar que, com a AD, na Linguística:

- sai-se do nível frasal;
- para-se de se separar enunciado de enunciação;
- inclui-se o sujeito no processo analítico;
- instaura-se a subjetividade e, com ela, redefine-se o próprio papel das ciências da linguagem.

Além disso, você observou quais as perguntas analíticas favorecem o desenvolvimento dos processos de descrição e interpretação de discursividades variadas. Como as que focalizamos estão no universo hipermidiático, também foi possível perceber as condições de emergência de novos acontecimentos discursivos na esfera político-midiática das redes.

Retornando ao objetivo específico do módulo em finalização – mobilizar o escopo teórico-metodológico da Análise de Discurso, originada na França, especialmente em seu potencial para leitura de práticas discursivas político-midiáticas e para o ensino de línguas – é, então, potencializar a capacidade de desestabilizar efeitos de evidência para a análise de textos orais, escritos e/ou multimodais, produzindo saberes de diferentes ordens, desnaturalizando injustiças e adentrando, com criticidade, em todas as esferas comunicativas do cotidiano.

Até a próxima!

Referências

- ARMENGAUD, Françoise. **A pragmática**. São Paulo, SP: Parábola, 2006. 159 p. (Na ponta da Língua ; 8). ISBN 8588456508.
- BRAIT, Beth. Perspectiva Dialógica. In: BRAIT, Beth; SOUZA-E-SILVA, Marília Cecília (org.) **Texto ou Discurso?** São Paulo: Contexto, 2012. p. 9-30.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 2 ed. Campinas, RJ: Editora da UNICAMP, 2004.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos, SP: Claraluz, 2007. Disponível em: <https://link.ufms.br/M7KSp>. Acesso em: 17 mar. 2024.
- FERNANDES, Patricia Damasceno; SANTOS, Elaine de Moraes. Os memes de “Bela, recatada e do lar”: uma prática social de resistência e multimodalidade discursiva. **Letra Magna** (Online), v. 14, p. 113-133, 2018. Disponível em: <https://link.ufms.br/z8IWn>. Acesso em: 17 mar. 2023.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da Análise de discurso no Brasil. **Letras**, (27), 39-46, 2003. <https://doi.org/10.5902/2176148511896>.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- FREIRE, Sérgio. **Análise de discurso: procedimentos metodológicos**. 2ª ed. Manaus: EDUA, 2021.
- GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão e. “Bela, recatada e do lar”: efeitos metafóricos na trama do político. In: SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari; SCHERER, Amanda Eloina, MARIANI, Bethania, CAMPOS, Luciene Jung de. (Org.). **Discurso, interloquções e...** 1 ed. Caxias do Sul: Educs, 2019, v. 1. p. 163-177. Disponível em: <https://link.ufms.br/OVIm1>. Acesso em: 17 mar. 2023.
- GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Efeitos do Arquivo. A Análise do Discurso no Lado da História. In: ORLANDI, Eni. (Org.). **Gestos de Leitura: da história no discurso**. 4 ed. Editora da UNICAMP, 2014. p. 169-191.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. (Coleção linguagem). ISBN 978-85-7827-168-8. Disponível em: <https://link.ufms.br/AZ38m>. Acesso em: 17 mar. 2024

MAGALHÃES, Anderson Salvaterra; KOGAWA, João. **Pensadores da Análise do Discurso: uma introdução**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2019.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do Discurso**. Tradução Sírio Possenti. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MALDIDIÉ, Denise. Elementos para uma história da análise do discurso na França. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. 4 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 17-30.

MAZIÈRE, Francine. **A Análise do Discurso: história e práticas**. São Paulo: Parábola, 2007.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**, vol. 2, 6 ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 101-142.

NAVARRO, Pedro. Estudos discursivos foucaultianos: questões de método para análise de discursos. **MOARA** – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras, [s. l.], v. 1, n. 57, p. 8-33, dez. 2020. Disponível em: <https://link.ufms.br/1qWQ8>. Acesso em: 2 fev. 2023.

ORLANDI, Eni. A Análise de discurso e seus entre-meios: notas à sua história no Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 42, p. 21-40, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://link.ufms.br/vz21v>. Acesso em: 17 mar. 2024.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 9. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 10. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Puccinelli. Orlandi. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.

QUADROS, Daiane Franciele Moraes de; JOVINO, Ione da Silva; MUNIZ, Kassandra da Silva. **Introdução à análise do discurso: perspectivas teórico-práticas**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2020. v. 1. ISBN 9786555177077.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia**. Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso, v. 9, n. 2, p. 206–216, jul. 2014. Disponível em: <https://link.ufms.br/fU0Et>. Acesso em: 17 mar. 2024.

SANTOS, Elaine de Moraes. **O efeito de copresença no discurso político-midiático: uma leitura das eleições presidenciais de 2010.** Maringá: tese de doutorado, Universidade Estadual de Maringá, 2014.

VOTRE, Sebastião. **Análise do discurso.** 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.



Módulo 3



O ensino de línguas



Apresentação

Olá, navegante!

Seja muito bem-vinda, seja muito bem-vindo à última parada. Neste **Módulo 3 – O ensino de línguas** –, você poderá acionar uma posição-sujeito interconectada com o universo docente, desnaturalizando desafios comuns ao trabalho com a língua materna, tendo em vista paisagens distintas da web. A duração pode não ser tão longa, mas a passagem pelo território da escrita acadêmica será uma experiência elementar para que possa mobilizar sujeitos, enunciadores, contextos, condições de produção e(m) discursividades cujo desembarque é o domínio científico do dizer.

Para nos debruçarmos acerca do ensino de línguas, focalizamos duas grandes arestas. Na **Unidade 1 – O trabalho com a língua materna e os recursos disponíveis na web** –, assumindo o contexto escolar, delineamos, sobretudo como Cassano (2003), como se dá o processo de instauração de sentidos quando se assume proceder a uma leitura na perspectiva discursiva. Em tal direção, algumas questões se fazem oportunas:

- Qual a relação entre a **instância da autoria, leitoras/leitores individuais e o engajamento coletivo** na produção de sentidos em comunidades?
- Como **sujeitos e sentidos** se constituem?
- Ao ler, **com quem** leitores e leitoras interagem?
- Qual a relação entre a **leitura, determinada época e os distintos segmentos sociais** envolvidos?
- Qual o **papel do não dito** na compreensão de todo dizer?
- Quais os **papéis da escola** na relação entre texto, leitoras/leitores e os modelos de leitura?
- **É possível conceber a existência de uma autoria onipotente**, enquanto origem e controladora do dizer?
- Um texto é **legível para quem**?
- Como atribuir um **lugar de formulação** a quem lê?
- **Como se produzem os sentidos** e como aderimos a eles?
- Como se diferenciam os níveis **inteligível, interpretável e compreensível** de leitura?
- Qual a diferença entre texto lacunar e texto **intervalar**?

Após movimentarmos relações entre as perguntas enumeradas, na **Unidade 2 – Discursos e escrita acadêmica na era do digital** –, focalizaremos alguns dos meandros relativos à produção e à circulação da escrita acadêmica na era do digital, avaliando: a) como se regulamenta a escrita acadêmica e quais os sistemas envolvidos nesse processo; b) qual a relação entre o que é científico e o exercício da ideologia.

Além disso, no interior da perspectiva discursiva a qual estamos filiados, é fundamental observarmos que quem escreve textos científicos, como representante de uma determinada posição de sujeito – pesquisador/pesquisadora, estudante, analista – seleciona mecanismos linguístico-textuais e produz uma enunciação calcada em dizeres e silenciamentos constitutivos. Tais recursos são pertinentes ao nosso olhar porque eles se organizam na linguagem acadêmico-científica, com vistas à maior ou menor manutenção da neutralidade ou objetividade.

Finalmente, cabe pensarmos na autoria da prática discursiva acadêmica, principalmente em tempos de hipermídia, e o faremos debatendo: c) a ordem discursiva da produção, da circulação e da avaliação da produção intelectual; d) como se dá autoria que se constrói no processo tradutório; e) a relação entre o mercado editorial e a rarefação dos objetos produzidos.

Que tenhamos uma excelente viagem!

#Bora?

Unidade 1

O trabalho com a língua materna e os recursos disponíveis na web

Nesta unidade, trilhamos algumas considerações de Cassano (2003), em um trabalho bastante pertinente ao escopo de formação aqui almejada, já que a autora, ao recuperar parte de sua dissertação de mestrado, aborda os mecanismos de instauração de sentidos, na assunção de uma estratégia discursiva de leitura.

Para tanto, começaremos por diferenciar os papéis desenvolvidos por autoras/autores e leitoras/leitores, de modo individual, depois, coletivamente. A distinção é necessária para que se alinhe à forma como os sentidos e os sujeitos se constituem tanto quanto à própria maneira com que interagem.

Na relação com diferentes, pensar a instauração de sentidos, na AD, é mobilizar a historicidade dos objetos em análise. Para Madureira:

[...] Ir do texto ao discurso não significa causar uma ruptura que anule uma perspectiva de análise em favor da outra. Ao contrário, a passagem do texto ao discurso deve integrar ambos os domínios, num movimento de complementaridade. (Madureira, 2017, p. 46)

Já no que se refere à constituição de sujeitas/os-leitoras/es escolares, não podemos perder de vista o quanto, segundo Noble e Simões (2017), os sentidos são determinados pelas posições ideológicas em jogo no processo sócio-histórico em que são produzidos os discursos.



Ao tracejarmos essas bases, será possível fomentar a discussão acerca do entrecruzamento tradicional entre leitura, determinada época e segmentos sociais envolvidos. Cientes de como tais eixos se interligam, ficará mais fácil interrogarmos qual a função da escola na promoção de experiências autorais e/ou de experiências de descrição/interpretação calcadas na certeza de que a legibilidade de um texto é apenas um efeito de sentido, isto é, depende de suas condições de produção.



A visada pela língua materna a partir de gêneros da hipermídia implica na assunção de conceitos de língua e de linguagem não avessos à mobilidade de qualquer metodologia adotada na direção da produção de sentidos. Pautada em Orlandi (1988), Cassano (2003) enumera quatro elementos cruciais à manutenção de atividades de leitura em uma visada discursiva.

1. Entender Sujeitos e Sentidos se constituindo recíproca e simultaneamente, dados historicamente.

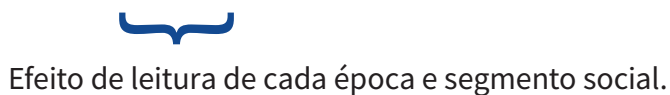


O sujeito inscreve-se em um conjunto de FDs (matrizes de sentidos).

2. Aceitar que o sujeito não interage apenas com textos, mas com outros sujeitos inseridos.



3. Observar que há múltiplos modos de leitura (relações diferentes com os textos).



4. Defender que todo dizer é incompleto (o que não é dito também significa).

Visando articular os quatro itens citados, faz-se oportuno um retorno a exemplo já contemplado no presente material. No primeiro módulo, já observamos esta figura, sob a titulação de uma amostra de como se deu o ensino remoto no Brasil pandêmico. Aqui, entretanto, o mesmo material pode subsidiar debates sobre as desigualdades sociais, incluindo discussões sobre raças, ou outra temática – o que fomentaria o diálogo e o duelo com outras textualidades sobre o assunto.



Fonte: Adaptado de [Sindoif](#)

Descrição da imagem: A imagem é dividida em dois planos verticais. No esquerdo e no direito, há a caracterização de espaços completamente diferentes para a realização do chamado ensino remoto, vivenciado no Brasil entre 2020 e 2022. No lado esquerdo, está uma riqueza de recursos, inclusive tecnológicos. No direito, a carência de estrutura segue ratificando as desigualdades sociais enfrentadas no país.

No contexto de 2024, por exemplo, parte das desigualdades recortadas na imagem estão em questionamento pelo país em função da polêmica instaurada a partir da determinação da retirada das escolas estaduais de Mato Grosso do Sul de uma obra vencedora do Prêmio Jabuti, em 2021 – “O avesso da pele”, de Jeferson Tenório.

Na disputa de sentidos entre os discursos, há os de quem defende o livro, que constitui o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), com argumentos em torno da importância da pauta racial ali contemplada, além de outros pontos do universo social, mas também há discursos contrários, que pairam em torno da adequabilidade ou não da linguagem adotada, em relação ao público a que se destina.

Saiba mais

[Nesta matéria](#) há mais detalhes em torno do caso do livro “O avesso da pele”, de Jeferson Tenório.

Voltando aos aspectos enumerados por Cassano (2003) e para otimizar a compreensão quanto à incompletude do dizer, ou mesmo, quanto aos efeitos de leitura sob cada sócio-temporalidade, a simples postagem do material em uma determinada rede social de acesso aberto já pode suscitar, a partir de uma questão motivadora, debates que se abrião para múltiplos sentidos.

Da lente docente, perceber esse movimento é fundamental para que os estímulos de leitura da hipermídia não fomentem apenas o caráter acelerado da proliferação de dizeres, mas a importância de um exercício constante de interrogação dos sentidos possíveis a partir das condições de produção de cada discurso.

Tão importante quanto o que envolve a manutenção de atividades de leitura em uma visada discursiva é o papel da escola em tal empreendimento, como segue reforçando Cassano (2003) por meio de dois grupos de proposições:

1	2
<p>A escola:</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ não deve confundir destinatária/o e leitora/leitor. ■ não se restringir ao modelo de leitura autorizado: crítica x manuais. <p>Com este primeiro elemento pertinentemente lembrado pela autora, podemos interrogar as diferentes formas de adentrar trajetos de leitura contemplados em objetos variados, como ocorre no universo literário, citado há pouco, mas também como ocorre nas verdadeiras guerras travadas no universo das postagens, dos comentários, dos compartilhamentos e, até, dos cancelamentos habituais no espaço hipermidiático de nosso tempo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ■ Assumir a impossibilidade de haver autoria onipotente, origem e controladora do dizer somada à impossibilidade de o texto ser transparente ou detentor de sentido único e evidente. ■ Ao invés de qualquer ideal de onipotência, devemos exercitar que a legibilidade não está no texto em si; está na natureza da relação com a/o outra/o. <p>Aqui, somos instadas e instados a reintroduzir sujeitos na produção de sentidos, compreendendo a força da historicidade envolvida em todo trâmite linguageiro, sobretudo em contexto escolar.</p> <p>A pergunta didática essencial ao momento, seja nas atividades diárias, seja nas avaliações é: este texto é legível para quem? Quando estudantes também se perguntam isso no espaço universitário, a própria prática de escrita se (re)significa, conforme veremos na próxima unidade. Isso implica destinar à/ao Leitora/Leitor não apenas um lugar da compreensão, mas uma posição de formulação, pois a leitura também é um ato produtivo.</p>

[...] os sentidos estão atrelados à história e abertos a se tornarem outros em época diferentes e de acordo com as relações de força travadas entre os sujeitos leitores. Cada leitura reflete o seu tempo, pois. E diferentes leituras a partir de um mesmo texto são possíveis, porque estão na base da materialidade do texto (Cassano, 2003, p. 69).

Em síntese, no dispositivo de leitura da perspectiva discursiva, a partir do que Cassano (2003) propõe, podemos perguntar: *como se produzem os sentidos? Como aderimos a eles?*

Com essas questões, é preciso conceber que os sentidos são determinados pela historicidade, pela materialidade, dada pela relação com a história. Recorrendo a mais uma síntese, temos que:

- **Ler** é uma **prática social** a partir do jogo de imagens construído.
- Acionar o dispositivo de Leitura é levantar **marcas** e **propriedades**.



Cruzamento necessário: Linguístico x Ideológico	
MARCAS	PROPRIEDADES
Efeitos de sentido criados em função dos atos verbais que se materializam com o momento histórico e o lugar social ocupado por sujeitas/os.	Funcionamento discursivo em suas condições de produção.

[...] a AD, ao construir um dispositivo de leitura [...] as questões postas é que irão mobilizar este(s) ou aquele(s) conceitos teóricos, com o objetivo de compreender como se produzem os sentidos nos textos e como aderimos a esses sentidos que vão estar determinados pela historicidade, pela materialidade que é dada pela relação com a história (Cassano, 2003, p. 69).

Quando situa a dinâmica da construção de um dispositivo de leitura, a autora citada ainda esclarece, pautada em várias publicações de Orlandi (1999, 1987), como é possível observar níveis distintos de sujeitos inscritos em um texto dado. Tal percepção remete ao potencial de elaborarmos diferentes níveis de engajamento nos objetos textuais, estabelecendo leituras parafrásticas ou leituras polissêmicas, enquanto instâncias complementares e igualmente importantes.

A primeira forma “[...] é o espaço da retomada, das reformulações de enunciado” (Cassano, 2003, p. 74). Na segunda, rompe-se “[...] com esses limites, abrindo espaço para a pluralidade de sentidos, [abrindo espaço para] transformação (descobertas, alterações), passando por resistências (sentidos inesperados, deslocamentos, como os que geram humor, por exemplo)” (Cassano, 2003, p. 74-75, acréscimos meus).

A seguir, esquematizo os níveis de leitura, em conformidade ao que explica Cassano (2003), baseada em Orlandi (1988):

NÍVEIS DE LEITURA

1. Nível **inteligível** – realiza-se uma relação mecânica e superficial.
2. Nível **interpretável** – formulam-se os sentidos já postos – nível repetível, ilusão de haver relação direta entre o texto e o que pode significar.
3. Nível **compreensível** – atinge-se o funcionamento da língua, configurando-se sujeito da própria leitura.

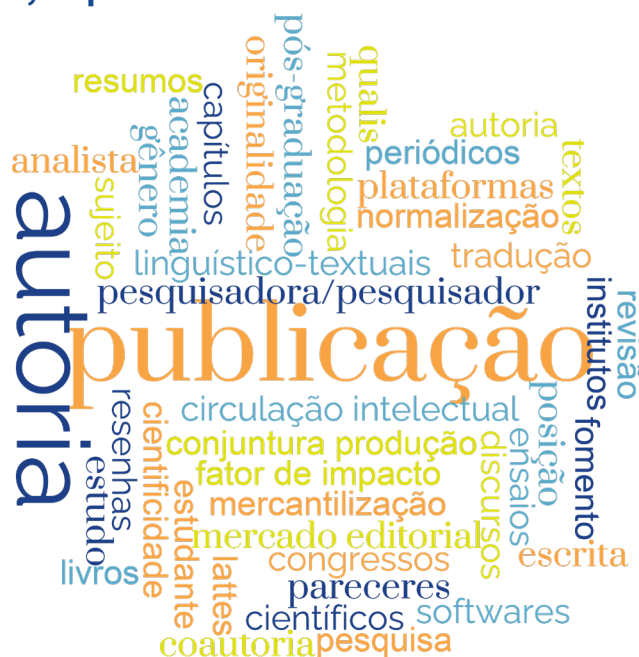
Da conexão com a complexidade de toda a teia teórico-metodológica envolvida, que possamos redirecionar nossas práticas de leitura, em especial, nas aulas de línguas, materna ou estrangeiras, atentando-nos para a promoção de experiências de observação sobre como se formulam os diferentes dizeres, exercitando o olhar para o fato de que “[...] o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas postas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras, as imagens, os sons são produzidos” (Cassano, 2003, p. 79).

E, finalmente, mas não menos importante: que façamos isso considerando cada texto como uma unidade “intervalar”, ou seja, levando em conta que “[...] as palavras [também] produzem silêncio, que o silêncio fala por elas” (Cassano, 2003, p. 79, acréscimo meu).

Ao posicionar-nos, como já afirmei em outra unidade, em um exercício constante de indagações, em torno do “**como**” dos sentidos, ou seja, imergindo na heterogeneidade das formulações textuais, sem desconsiderar as condições de produção de um discurso, poderemos aguçar o engajamento concreto e crítico de cada estudante para a riqueza de ditos e não-ditos inerentes aos usos da linguagem, sobretudo em circunstâncias hipermidiáticas, como termos recortado aqui neste texto.

Unidade 2

(Pós)identidades, representatividade e ética



Descrição da imagem: A figura é composta de uma nuvem de palavras, formada pelos seguintes termos: textos, científicos, posição, sujeito, estudo, metodologia, academia, periódicos, lattes, pareceres, resumos, resenhas, ensaios, livros, capítulos, fomento, congressos, pesquisadora/pesquisador, estudante, analista, linguístico-textuais, conjuntura produção, circulação intelectual, autoria, coautoria, tradução, revisão, normalização, gênero, mercado editorial, pós-graduação, institutos, científicidade, mercantilização, softwares, plataformas, fator de impacto, qualis, originalidade, autoria, escrita, discursos, pesquisa, publicação.

No interior da perspectiva teórica à qual nos filiamos neste material, como já afirmado, é fundamental observarmos que quem escreve textos científicos, como representante de uma determinada posição de sujeito – pesquisadora/pesquisador, estudante, analista – seleciona certos mecanismos linguístico-textuais (e não outros), desenvolvendo uma prática discursiva repleta da relação entre os dizeres da superfície linguística e os silenciamentos constitutivos. A intersecção entre as duas arestas repercute em maior ou menor produção de efeitos de objetividade.

Nesta unidade, veremos que a conjuntura científica também assume novos contornos na relação com a hipermídia, a partir de determinada ordem discursiva da produção, da circulação e da avaliação da produção intelectual.

Ainda, resgataremos parte da engrenagem relativa a como se dá autoria que se constrói no processo tradutório. Em última instância, abordaremos aspectos que circundam o mercado editorial e a rarefação dos objetos produzidos.

A **escrita acadêmico-científica**, como qualquer outro tipo de conteúdo, possui um ordenamento particular, derivado por uma gama de ferramentas, que incluem o manuseio da língua, regras de normalização, as demandas de cada filiação teórica, além da har-



monia em relação ao gênero discursivo correspondente, seja ele o resumo ou a resenha acadêmicos, ensaio, dissertação, tese, capítulo de livro ou similar.

Saiba mais:

Acerca do convívio entre o que é produzido academicamente e o que circula como fruto das pesquisas científicas, Braga e Senem (2017, p. 355) explicam que o discurso acadêmico “[...] é um discurso sobre a ciência em que a própria ciência se constitui”.

Saiba mais no texto “A escrita acadêmica do aluno na universidade: na tensão dos discursos científico, acadêmico e pedagógico” de Sandro Braga e Janaína Senem (2017).

Na descrição de ferramentas abrangidas, podemos acrescentar as que perpassam os usos particularizados da língua. De acordo com Araújo:

[...] as convenções linguísticas próprias do discurso científico e da escrita acadêmica estabelecidas e normalmente utilizadas pela academia são, dentre outras: o emprego de uma linguagem objetiva, distante, concisa e impessoal; o apagamento do sujeito-enunciador através do padrão lexical (nominalizações, vocabulário técnico) ou voz passiva e o emprego do verbo na 3ª pessoa do singular, com a partícula se ou o uso da 1ª pessoa do plural (nós/we). O uso de tais mecanismos, na medida em que afasta o eu do discurso científico, camuflando a subjetividade nele existente objetiva, em última instância, atribuir-lhe um caráter de neutralidade. (Araújo, 2012, p. 59)

Além de tais convenções listadas e atendendo a “[...] arriscada ordem de discursos” (Foucault, 2010, p. 7) científicos que circulam em cursos de graduação, de pós-graduação, em institutos de pesquisa, em periódicos, em eventos e nos demais ambientes do fazer universitário, não se deve ignorar o fato de se tratarem de práticas discursivas reguladas por demandas científicas, sociais, históricas, mas também políticas.

Já que situei a multiplicidade de demandas emaranhadas, vale a pena restaurar a lembrança de uma crítica bastante contundente que Possenti (2009) processou, ao falar de um fenômeno que tem ocorrido com o binômio linguagem/cientificidade. Veja a seguir.

Com certo desdém, alguns acham que só os muito ingênuos poderiam acreditar na existência da ciência como algo diferenciado. Minha opinião é que seria necessário encarar a questão da cientificidade com menos simplificação colocando cada um desses discursos no seu devido lugar, o que significa, por um lado, não endeusar a cientificidade, verdadeira ou falsa, de um discurso, e, por outro lado, não imaginar que a ciência não existe enquanto tal, que é apenas um discurso como qualquer outro (Possenti, 2009, p. 195).



Fonte: [Freepik](#)

Descrição da imagem: Ilustração de uma pilha de livros contendo escadas em diversos níveis e de diversos tamanhos, que ligam um livro a outro mais acima.

Entre os meandros tensionados pelo autor, reside o corrente equívoco de se difundir como equivalentes as ideias de **verdade e ciência**: “[...] o critério de cientificidade de um enunciado não é a verdade da proposição que ele veicula, mas seu sistema de produção” (Possenti, 2009, p. 197). Daí, a minha preocupação em destacar, desde o início, a força motora da concepção discursiva de efeitos. Com Foucault (1979), inclusive, mesmo os discursos considerados científicos são passíveis de uma leitura que remete aos efeitos de verdade em funcionamento, sob o fito das relações de força envolvidas.

Somado ao errôneo da equivalência retomada, está o imbricamento natural entre os pólos **científico e ideológico**: “[...] alguns tipos de problemas só podem ser formulados por quem esposa determinada ideologia” (Possenti, 2009, p. 201). A clareza quanto ao que alerta o excerto trazido do autor permite-nos uma postura menos servil às pretensas tentativas tradicionais de fixar qualquer ideal de objetividade à cientificidade ou não de uma escrita.

Ainda no contexto de escrita em discussão aqui, Zoppi-Fontana (2017) traz importantes ponderações que recortam a natureza da autoria acadêmico-científica no digital, denunciando, a mercantilização, de um lado, e o...

[...] esvaziamento das práticas de autoria científica por efeito de sua sobre-determinação pelas práticas do mercado editorial das revistas científicas, do mercado de prestação de serviços educacionais, do mercado de ferramentas educativas (softwares, plataformas), entre outras formas contemporâneas de colocar o conhecimento e seus objetos e sujeitos como produtos em movimento de circulação do capital (Zoppi-Fontana 2017, p. 236).

Sem dúvida, o Brasil dos últimos anos tem enfrentado problemas estruturais na manutenção de pesquisas não só pela falta de investimentos robustos nos arsenais necessários, mas por toda a dinâmica de desvalorização das áreas, dos processos, dos sujeitos.

Em contrapartida, a autora destaca a irrupção:

De “ autorias-fetiches ” produzidas por “ intelectuais midiaticizados ”	Da explosão lucrativa de plataformas definidas enquanto ambientes de cursos on-line
Nesta situação, reside “[...] uma fragmentação do saber em produtos midiaticizáveis: ‘pílulas de conhecimento’ aptas para o consumo rápido e a circulação massiva, capazes de produzir a fidelização do público” (Zoppi-Fontana, 2017, p. 238-239, grifos da autora).	Ou seja, permite-se “[...] a ‘qualquer um’ ensinar o que sabe e a ‘qualquer um’ aprender o que quer. Trata-se de um autoproclamado novo modelo de negócios e de uma suposta ‘democratização’ do saber, cuja rápida difusão e desenvolvimento é efeito das novas mídias digitais” (Zoppi-Fontana, 2017, p. 239, grifos da autora).

Apesar de reforçar como preocupante a relação entre esse novo mercado (não apenas editorial) *versus* a rarefação dos objetos produzidos, no entremeio entre “Fast Science”, “Mcdonaldização da produção científica”, “autorias-fetichismo” e o desmedido/neoliberal “empreendedorismo educacional”, performado na oferta de cursos on-line por plataformas digitais, a autora nos premia com o resgate de pelo menos três iniciativas do que denomina serem exemplos de “**autoria-experimentação**”: o *Vocabulário Político para processos estéticos*, o filme *Olympia*, e o livro “*Hoje acordei pra luta!*”.

Com as devidas especificidades: “[...] essas práticas de autoria/intervenção acadêmica desarranjam o modo de funcionamento de objetos culturais estabilizados e respondem do lugar da academia e com os saberes nela produzidos a uma conjuntura que demanda ação/reflexão urgente” (Zoppi-Fontana, 2017, p. 248).

Considerando como a análise realizada por Zoppi-Fontana (2017) denuncia o “esvaziamento” que circunda a noção de autoria nos casos de fetichização mensurados, cabe alinhavarmos outro importante gesto de análise no debate sobre a questão autoral em discurso acadêmico. Mittmann (2016, p. 13) salienta como, “[...] entre tantos gestos, da multiplicidade necessária à própria produção do texto (os dizeres são da ordem do já-lá), o gesto de autoria é o gesto de amarrar, de dar os nós, de levarão efeito de fecho, de fim, de um”.

Descrevendo a encruzilhada recorrente de diferentes áreas do saber, Mittmann (2016) questiona a tradicional vinculação de líder do grupo de pesquisa, técnico do laboratório, orientando do projeto guarda-chuva, dono do laboratório, dono do equipamento

ou orientador como autores, em listas enormes, enumeradas em certas publicações. Concomitantemente a essa pulverização de nomes indicados como a fonte de dizibilidades acadêmico-científicas, há os escritos colaborativos, como a Wikipedia, ou mesmo as trocas linguageiras de diferentes aplicativos e mídias, cuja legitimidade ainda é pouco aceita justamente pela dificuldade em demarcar fontes.

No campo institucional, Mittmann (2016) salienta como o reconhecimento no espaço acadêmico está atrelado à publicação em determinado suporte:

A internet, como instrumento do ciberespaço, passa a ter valor essencial na autoria científica. A pesquisa precisa estar registrada nos sistemas digitais das universidades e nas plataformas dos órgãos de fomento. O registro do papel já não dá conta das novas necessidades das instituições. E aí temos o efeito de evidência: [...] não há reconhecimento de autoria sobre ideias e descobertas a não ser quando ocorre o registro, a fixação no suporte digital. Ou ainda, não há reconhecimento de autoria a não ser quando colocada em circulação (Mittmann, 2016, p. 17).

Em outro texto, a pesquisadora (Mittmann, 2012) já tinha levantado problemáticas similares, ao refletir sobre leitoras e leitores que fazem uso das traduções, em práticas de apagamento da existência do ofício de tradutoras e tradutores. Para enquadrar o debate sobre o assunto, ela movimentou a noção de “Tradautoria” enquanto o tipo de autoria que se constrói no processo tradutório.

Em suma, ao pensarmos a autoria na prática discursiva acadêmica, em tempos de hipermídia, se é produtivo deter atenção a coisas como fator de impacto ou qualis para tratar da qualificação de artigos no presente, tanto quanto as classificações, é fundamental não apagar o papel da história. Aliás, sobre a interação – DISCURSO *versus* HISTÓRIA – cabe acrescentarmos, com Orlandi (2004, p. 129), que “[...] a ciência é o lugar de políticas que excluem, que incluem, que promovem, que relegam ao esquecimento, que legitimam”.

Impulsionada por essa assertiva, é que, na conjugação entre escrita acadêmico-científica e a era da hipermídia, defendo existirem ordens discursivas próprias - de produção, de circulação e de avaliação. A pertinência desse alerta nos convida a, ininterruptamente, analisarmos como tais ordens dizem dos rumos assumidos pela ciência, pelo dizer científico.

Considerações finais

Neste módulo, em síntese, podemos enumerar as seguintes concepções como imprescindíveis ao que seguimos discutindo, até aqui, quanto ao ensino de línguas na perspectiva discursiva, especialmente no que tange às práticas de leitura:

- **só alguns sentidos são lidos:** variam de acordo com quem lê ou com o próprio sujeito da leitura em tempos diferentes;
- cada **leitura reflete** o seu tempo;
- o texto pode ser **atravessado por diferentes FDs** (enquanto matrizes do dizer);
- devemos pensar a noção de **sentido em relação a PARA**, e não EM SI;
- o **discurso é um jogo estratégico**, de ação/reação, de pergunta/resposta, de dominação/esquiva.

A despeito dos desafios oriundos do fazer científico, em tempos de hipermídia, com destaque para a escrita produzida desse lugar, estão os meandros relativos à autoria, em tempos de desvalorização dos saberes, a “autoria-experimento” como resistência aos desmontes enfrentados e os aspectos que circundam a rarefação dos objetos produzidos, nos enlaces de mercados editoriais ou de empreendedorismo educacional, como sintetizamos.

Embora tenha sido curta nossa estadia no terreno do ensino, com enfoque na leitura ou na prática de escrita acadêmico-científica, espero que, na conjugação entre todas as unidades, você possa encontrar artefatos teórico-metodológicos e inquietações para mobilizar o escopo teórico-metodológico da Análise de Discurso, originada na França, especialmente em seu potencial para leitura de práticas discursivas político-midiáticas e para o ensino de línguas, além de problematizar questões inerentes à produção de sentidos para a escrita acadêmica na era do digital.

O desembarque pode ser breve: então, desejo que novas viagens sigam constituindo sua programação formativa diária, semanal, mensal, anual...

Boa viagem sempre!

Referências

ARAÚJO, Antonia Dilamar. A subjetividade na construção de significados: Uma análise de escrita de artigos de pesquisa. **Revista de Letras** (Fortaleza), v. 31, p. 56-61, 2012. Disponível em: <https://link.ufms.br/6ydHB>. Acesso em: 22 mar. 2023.

BRAGA, Sandro; SENEM, Janaína. A escrita acadêmica do aluno na universidade: na tensão dos discursos científico, acadêmico e pedagógico. In: BENEDETTO, Giovanna G.; GALLO, Solange Maria Leda; LAGAZZI, Suzy; NECKEL, Nádia Régia Maffi; PFEIFFER, Claudia Castellanos; ZOPPI-FONTANA, Mónica. (Org.). **Análise de Discurso em Rede: cultura e mídia**. 1 ed. Campinas: Pontes Editores, 2017, v. 3. p. 347-363.

CASSANO, Maria da Graça. A perspectiva discursiva da leitura e algumas considerações relativas ao seu ensino-aprendizagem na educação fundamental. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 3, n. 2, p. 63-82, jan./jun. 2003.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

MADUREIRA, André Luiz Gaspari. Do Texto ao Discurso: Potencializando o Processo de Compreensão da Linguagem. **Signo** [Issn 1982-2014]. Santa Cruz do Sul, V. 38, N. 64, p. 35-49, Jan./Jun. 2013. Disponível em: <https://Link.ufms.br/X4Fz0>. Acesso em: 02 nov. 2022.

MITTMANN, Solange. Tradutorias de Cien años de soledad. **Organon** (UFRGS), v. 28, p. 65-78, 2012. Disponível em: <https://link.ufms.br/oZuQd>. Acesso em: 02 nov. 2022.

MITTMANN, Solange. Desentendimentos sobre a noção de autoria no âmbito acadêmico. In: BENEDETTO, Giovanna G.; GALLO, Solange Maria Leda; LAGAZZI, Suzy; NECKEL, Nádia Régia Maffi; PFEIFFER, Claudia Castellanos; ZOPPI-FONTANA, Mónica. (Org.). **Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia**. vol.2. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. p. 11-24.

NOBLE, Debbie Mello; SIMÕES, Priscilla Rodrigues. Conceito de língua e discurso. In: NOBLE, Debbie Mello; SIMÕES, Priscilla Rodrigues. **Linguística avançada**. Porto Alegre: Grupo A, 2017. ISBN 9788595021457. p. 11-26. **Disponível na Biblioteca Digital da UFMS**.

ORLANDI, Eni. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni. A escola e suas mediações: como se usa o material didático. In: **Revista Educação e Sociedade** – Rev. Quadrimestral de Ciências da Educação. São Paulo: Cortez, v. 5, n. 16, p.138-145, 1983.

ORLANDI, Eni. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez. Campinas: Editora Unicamp, 1988.

ORLANDI, Eni. Sobre os contextos epistemológicos da AD. **Escritos**, n. 4, Campinas: Laboratório de Estudos Urbanos–Nudecri, Unicamp, maio/1999. p.7-16.

POSSENTI, Sírio. **Os limites do discurso**: ensaios sobre discurso e sujeito. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ZOPPI-FONTANA, Mónica Graciela. Objetos culturais, startups, autoria: autoria-fetiche versus autoria-experimentação. In: BENEDETTO, Giovanna G. Benedetto; GALLO, Solange Maria Leda; LAGAZZI, Suzy; NECKEL, Nádia Régia Maffi; PFEIFFER, Claudia Castellanos; ZOPPI-FONTANA, Mónica. (Org.). **Análise de discurso em rede**: cultura e mídia – vol. III. Campinas: Pontes, 2017. p. 235-150.



AGEAD

Agência de Educação
Digital e a Distância